

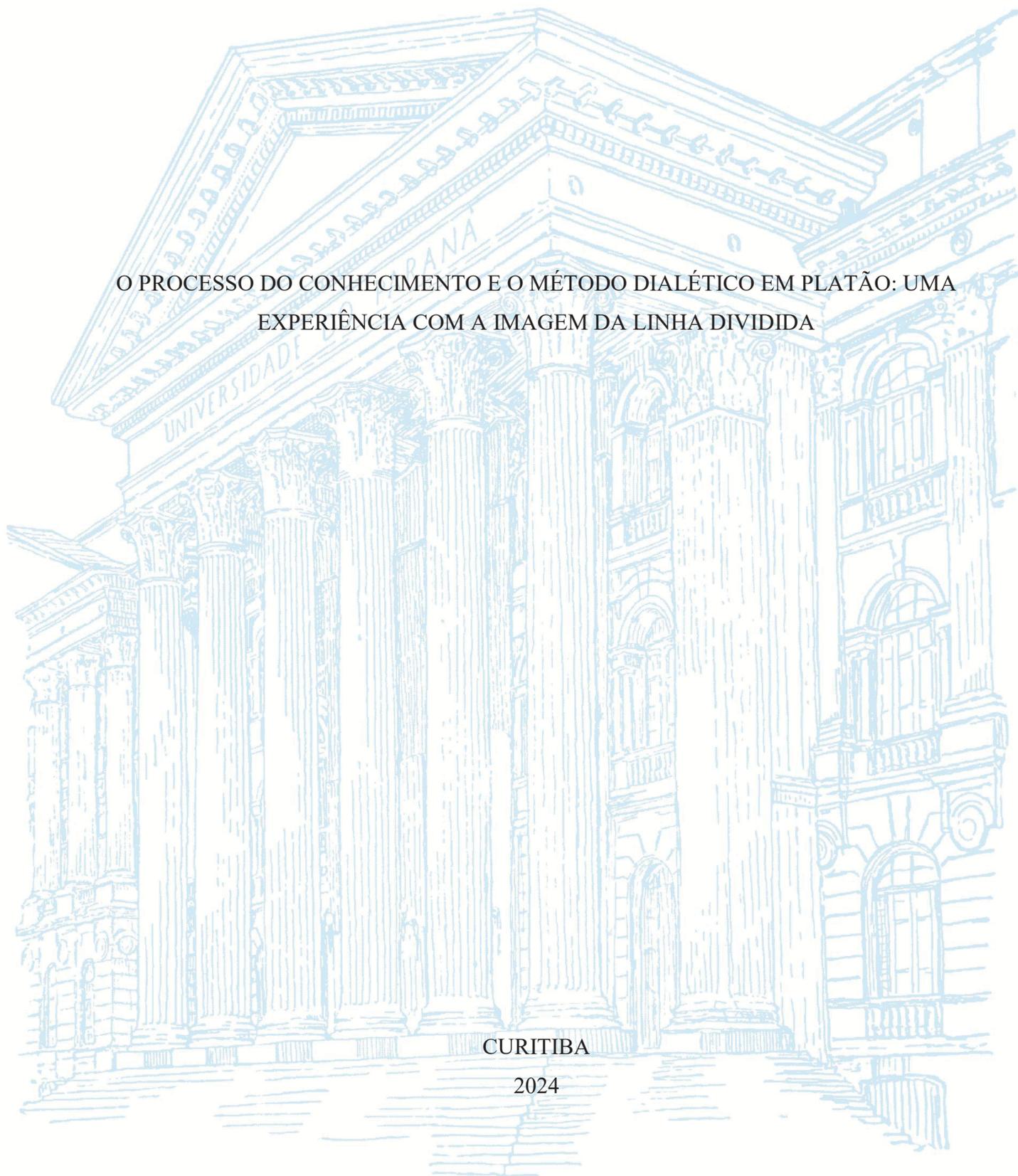
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

JAMILY ALVES DA SILVA

O PROCESSO DO CONHECIMENTO E O MÉTODO DIALÉTICO EM PLATÃO: UMA
EXPERIÊNCIA COM A IMAGEM DA LINHA DIVIDIDA

CURITIBA

2024



JAMILY ALVES DA SILVA

O PROCESSO DO CONHECIMENTO E O MÉTODO DIALÉTICO EM PLATÃO: UMA
EXPERIÊNCIA COM A IMAGEM DA LINHA DIVIDIDA

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação
Profissional em Filosofia, Setor de Ciências Humanas,
Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial
à obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Orientador(a): Prof(a). Dr(a). Karen Franklin

CURITIBA

2024

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS

Silva, Jamily Alves da

O processo do conhecimento e o método dialético em Platão :
uma experiência com a imagem da Linha Dividida. / Jamily Alves da
Silva. – Curitiba, 2024.

1 recurso on-line : PDF.

Mestrado (Dissertação em Filosofia) – Universidade Federal do
Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação
em Filosofia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Karen Franklin da Silva.

1. Ensino de Filosofia. 2. Processo do conhecimento. 3. Método
dialético. I. Silva, Karen Franklin da. II. Universidade Federal do
Paraná. Programa de Pós-Graduação Mestrado em Filosofia. III.
Título.

Bibliotecário: Dênis Junio de Almeida CRB-9/2092



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO FILOSOFIA -
40001016170P6

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação FILOSOFIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **JAMILY ALVES DA SILVA** intitulada: **O PROCESSO DO CONHECIMENTO E O MÉTODO DIALÉTICO EM PLATÃO: UMA EXPERIÊNCIA COM A IMAGEM DA LINHA DIVIDIDA**, sob orientação da Profa. Dra. KAREN FRANKLIN DA SILVA, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua **APROVAÇÃO** no rito de defesa.

A outorga do título de mestra está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 25 de Outubro de 2024.

Assinatura Eletrônica

25/10/2024 13:28:23.0

KAREN FRANKLIN DA SILVA

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

25/10/2024 13:00:23.0

MAURO DELA BANDERA ARCO JUNIOR

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

31/10/2024 10:14:30.0

CAMILA DO ESPIRITO SANTO PRADO DE OLIVEIRA

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI)

RUA DR. FAIVRE 405, ED. D. PEDRO II 6º ANDAR, SALA 610 - CURITIBA - Paraná - Brasil

CEP 80060-140 - Tel: (41) 3360-5098 - E-mail: prof.filosofia@ufpr.br

Documento assinado eletronicamente de acordo com o disposto na legislação federal Decreto 8539 de 08 de outubro de 2015.

Gerado e autenticado pelo SIGA-UFPR, com a seguinte identificação única: 407603

Para autenticar este documento/assinatura, acesse <https://siga.ufpr.br/siga/visitante/autenticacaoassinaturas.jsp> e insira o código 407603

AGRADECIMENTOS

À professora Karen Franklin, minha orientadora, pelos ensinamentos, paciência, incentivo e disponibilidade em todos os momentos.

Aos professores do PROF-FILO, pelas aulas, momentos de profunda reflexão sobre a Filosofia e o seu ensino, contribuições indispensáveis para o desenvolvimento da minha pesquisa.

À Luana, secretária do PROF-FILO, pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

Aos colegas da turma 2022, pela parceria, gentileza nas caronas, passeios pelos sebos no centro de Curitiba, companhia nas refeições no RU, enfim, pelos momentos de amizade.

Às professoras Solange Norjosa e Gorette Lucena, por me apresentarem a filosofia grega e, sobretudo a de Platão, na UEPB em Campina Grande/PB.

Aos meus pais, José e Marley, minha base e referência de ser humano.

Aos meus alunos da Escola de Educação Básica Paulo Cordeiro em Rio do Sul/SC.

À minha amiga Janaina Barbosa, pela força e estímulo constante, fundamental nessa jornada.

Ao meu amado companheiro de vida, Luciano Leite, pela compreensão e apoio em todos os momentos.

“Pois tudo o que é grandioso é perigoso; e é verdade, como diz o adágio, que o que é belo é difícil.” (PLATÃO, *República*, 497d).

RESUMO

A pesquisa apresenta uma proposta didática sobre o processo do conhecimento baseado na imagem da Linha Dividida, expressa no diálogo *A República*, de Platão, para ser trabalhada nas aulas de Filosofia do Ensino Médio. O intuito é fazer com que os alunos tenham a experiência dos graus do conhecimento ascendente através da prática dialógica para que compreendam que o conhecimento é um processo, por isso, é o oposto dos julgamentos precipitados e que não se trata de uma revelação. O que pressupõe a divisão da dissertação em três partes principais. A primeira parte reflete sobre o problema do conhecimento nas três imagens da *República*: Sol, Linha Dividida e Alegoria da Caverna, onde a diferença entre *doxa* (opinião) e *episteme* (conhecimento), é evidente. A segunda parte consiste na prática dialética, é composta pela elaboração do texto “Opinião e conhecimento”, uma tradução da tradução do texto de Platão em linguagem acessível aos alunos do Ensino Médio e pela metodologia de trabalho, onde se descreve o planejamento e a execução da sequência didática. A terceira parte apresenta-se a avaliação do percurso através das atividades desenvolvidas: diagnóstica, desenho da Linha Dividida e produção textual sobre a importância do pensar matemático.

Palavras-chave: ensino de filosofia; processo do conhecimento; método dialético.

ABSTRACT

The research presents a didactic proposal on the process of knowledge based on the image of the Divided Line, expressed in Plato's dialogue *The Republic*, to be used in high school philosophy classes. The aim is to give students the experience of the degrees of ascending knowledge through dialogic practice so that they understand that knowledge is a process, and therefore the opposite of hasty judgments, and that it is not a revelation. This presupposes the division of the dissertation into three main parts. The first part reflects on the problem of knowledge in the three images of the Republic: Sun, Divided Line and Allegory of the Cave, where the difference between *doxa* (opinion) and *episteme* (knowledge) is evident. The second part consists of dialectical practice, consisting of the elaboration of the text "Opinion and Knowledge", a translation of the translation of Plato's text in language accessible to high school students, and the work methodology, which describes the planning and execution of the didactic sequence. The third part presents the evaluation of the path through the activities developed: diagnostics, drawing of the Divided Line and textual production on the importance of mathematical thinking.

Key words: teaching philosophy; knowledge process; dialectical method.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
CAPÍTULO 1: A DIFERENÇA ENTRE <i>DOXA</i> E <i>EPISTEME</i> COMO UM PROBLEMA DO CONHECIMENTO	7
1.1 <i>Doxa</i> e <i>episteme</i> a partir das imagens da <i>República</i>	12
1.1.1 Imagem do Bem e do Sol	13
1.1.2 Imagem da Linha Dividida como processo de conhecimento em Platão	16
1.1.3 Alegoria da Caverna	25
CAPÍTULO 2: O MÉTODO DIALÉTICO DA <i>REPÚBLICA</i>	29
CAPÍTULO 3: UMA PRÁTICA DIALÉTICA EM SALA DE AULA	34
3.1. Opinião e conhecimento: a tradução do texto	36
3.1.1 Metodologia de trabalho com os alunos	38
3.1.2 Sensibilizar para as questões filosóficas.....	41
3.1.3 Leitura do texto: “Opinião e conhecimento”	43
3.1.4 A filosofia fora da sala: o pensar a importância do conhecimento matemático	46
3.1.5 Problemas de percurso.....	47
3.1.6 Avaliar os percursos: um simulacro da Linha Dividida	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
REFERÊNCIAS	63
ANEXO 1– TERMO DE ANUÊNCIA	65
ANEXO 2 - ATIVIDADES SENDO REALIZADAS	66
ANEXO 3 - MUTIRÃO DE LIMPEZA NA ESCOLA PÓS-ENCHENTE	68

INTRODUÇÃO

Um dos obstáculos que encontramos ao ensinar Filosofia no Ensino Médio é a dificuldade dos alunos em pensar dialeticamente e em compreender o conhecimento como um processo. Por isso, esta proposta didática resgata a imagem da Linha Dividida, expressa no diálogo *A República*, de Platão, no intuito de utilizá-la como recurso filosófico para ensinar os alunos a pensar dialeticamente e a visualizar o conhecimento como um processo, já que a imagem da Linha Dividida apresenta todo o processo, desde os julgamentos precipitados até o pensamento criterioso e argumentado.

A imagem da Linha Dividida é bastante pertinente ao aluno do Ensino Médio porque possui um caráter pedagógico forte, primeiro porque se trata de uma imagem, recurso que torna a aula mais dinâmica e atrativa, segundo porque, considerando as dificuldades de compreensão desse público, serve de iniciação gradual para apresentar o processo do conhecimento de forma ilustrada. Além disso, a imagem da Linha Dividida também permite outras leituras, por exemplo, enxergá-la como um projeto de vida no âmbito profissional, no sentido de identificar o nível de saber atual e o que precisa ser feito para chegar ao objetivo. Todos esses aspectos reforçam a necessidade da imagem da Linha Dividida ser trabalhada no Ensino Médio, pois, pode auxiliar no desenvolvimento de um pensar autônomo e criativo.

A pesquisa está dividida em duas partes principais: referencial teórico e prática pedagógica. O referencial teórico compreende o primeiro capítulo denominado *A diferença entre doxa e episteme como um problema do conhecimento*, onde se apresenta a discussão sobre os conceitos de *doxa* (opinião) e *episteme* (conhecimento), a partir das três imagens relativas ao problema do conhecimento no diálogo *A República*, de Platão, a saber, Sol, Linha e Caverna. O segundo capítulo nomeado de *O método dialético da República*, expõe as características do método dialético a partir do que Platão apresenta no decorrer do diálogo *A República* para demonstrar como a maiêutica e a forma dialética expõem os graus do conhecimento na Linha Dividida. Já a prática pedagógica compreende o terceiro capítulo denominado *Uma prática dialética em sala de aula*, e está subdividido em três partes: preparação de material didático, metodologia de trabalho e avaliação dos dados.

A preparação de material didático diz respeito à reescrita do trecho da *República* sobre a imagem da Linha Dividida em linguagem mais acessível ao aluno do Ensino Médio, pois, em sala de aula, muitas vezes, esse público demonstra dificuldade na leitura, escrita e interpretação, logo, é preciso oferecer a eles condições de compreensão através de um texto adequado as suas especificidades.

Como metodologia de trabalho buscou-se estabelecer uma comunidade investigativa com os alunos por meio da experimentação do método maiêutico, a partir da leitura prévia do texto em linguagem mais acessível, evidenciando os graus do conhecimento ascendente na imagem da Linha Dividida, bem como a correlação com os graus de aprendizagem cotidiana. Na comunidade investigativa o uso de analogias e exemplos são importantes para materializar as diferenças entre o saber enquanto *doxa* (opinião) e o saber enquanto *episteme* (conhecimento).

Essa proposta didática envolve leitura, discussão (método maiêutico, que busca levar o aluno num primeiro momento a concluir que seu saber é insuficiente, seguido de momento de intensa investigação filosófica comprometida com a verdade), através da elaboração de questões específicas para conduzir os alunos aos dois níveis de conhecimento (concreto e abstrato), e dinâmicas que evidenciam as diferentes formas do conhecer um mesmo objeto enquanto *doxa* (opinião) e enquanto *episteme* (conhecimento). A última etapa da proposta didática, a avaliação dos dados, busca avaliar todo o percurso realizado a fim de identificar a aprendizagem dos alunos e a exequibilidade da proposta didática.

CAPÍTULO 1: A DIFERENÇA ENTRE *DOXA* E *EPISTEME* COMO UM PROBLEMA DO CONHECIMENTO

Iniciaremos nosso percurso refletindo sobre o problema do conhecimento através da diferença entre os conceitos de *doxa* (opinião) e *episteme* (conhecimento) no diálogo *República*, de Platão. O objetivo é compreender o processo do conhecimento ascendente para experienciá-lo dialeticamente com os alunos nas aulas de Filosofia do Ensino Médio.

Segundo Paviani (2003, p.5), no Livro V, Platão discute sobre “O rei-filósofo, os guardiães e as mulheres”, esses conceitos abordados convergem para que o leitor compreenda como Platão usa as relações para colocar algumas teses. Nesse contexto, Platão discute a diferença entre quem é o filósofo e quem tem aparência de filósofo. Isso possibilita que a relação entre ser e parecer, ou seja, entre o que é e o que parece ser, seja posta em evidência.

Nesse livro, a saber o V, Platão apresenta a situação onde registramos uma importante menção a respeito da *doxa* (opinião) e da *episteme* (conhecimento). A abordagem sobre o esclarecimento dos conceitos leva a considerar o ponto de vista dessa pesquisa que busca elucidar a diferença entre a opinião e o conhecimento. Platão nos apresenta certas pistas: “por conseguinte, diríamos com razão que o pensamento deste homem era conhecimento, visto que sabe, ao passo que do outro era opinião, visto que se funda nas aparências? Absolutamente.” (PLATÃO, *República*, 476d). Neste passo, nota-se que Platão correlaciona “conhecimento” a “saber” e “opinião” a “aparência”, mas não há indicação de ligação entre “conhecimento” e “opinião”, pelo contrário, já são apresentados como diferentes e possíveis. Platão, portanto, não se refere a “opinião” como não saber, isto é, ignorância, mas como “aparência”, ou seja, imagem de alguma coisa. Assim, entende-se que na epistemologia platônica a *doxa* corresponde a um nível inicial de formulação sobre a realidade.

Da mesma forma, são opostos “saber” e “aparência”. O saber é intrínseco ao conhecimento, o que indica ser a *episteme* um nível de formulação sobre a realidade que necessariamente não envolve aparências, e sim que se encaminha para a Verdade. Assim, a *episteme* corresponde, na epistemologia platônica, a visão segura sobre a realidade. E como se tratam de níveis de compreensão diferentes, *doxa* e *episteme*, obviamente suas naturezas bem como suas finalidades são diferentes. Sobre isso, observa-se o trecho do diálogo:

- Seja. Mas se houver uma coisa que seja de tal maneira, que existe e não existe, não ficaria em posição intermédia entre o Ser absoluto e o Não-ser absoluto?
- Ficaria.
- Portanto, se o conhecimento respeitava, como vimos, ao Ser, e o desconhecimento forçosamente ao Não-ser, relativamente a essa posição intermédia, deve procurar-se

algo de intermédio entre a ignorância e a ciência, se acaso existe alguma coisa nessas condições.

- Absolutamente.

- Afirmaremos porventura que a opinião é alguma coisa?

- Pois não?

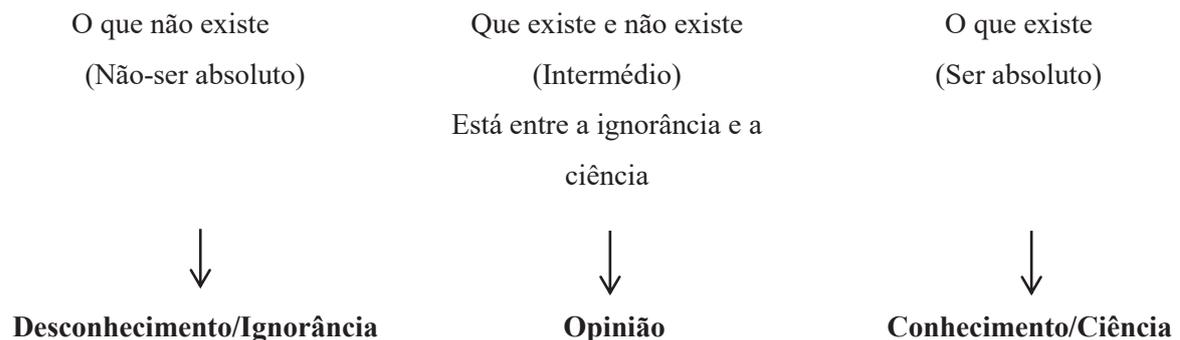
- É uma potência diversa da ciência ou é a mesma?

- É diversa.

- Logo, a opinião visa um objeto, e a ciência outro, cada uma segundo a potência que lhe é própria.

- É isso. (PLATÃO, *República*, 476e - 477b).

Conforme exposto acima a *doxa* se funda nas aparências, nesse sentido, as aparências correspondem as imagens daquilo que está entre o Não-ser e o Ser, o que Platão chama de intermédio, mas o que será que compõe essa seção e conseqüentemente se enquadra no que existe e não existe? Trataremos dessa questão mais adiante. Na passagem acima, Platão indica a natureza do conhecimento, o Ser, ou seja, aquilo que é, e não algo que se altera constantemente. Temos, portanto, as naturezas da *doxa* e da *episteme*, as aparências e o Ser, respectivamente. Pode-se visualizar melhor essa passagem através do esquema abaixo:



Nota-se que em Platão, o Não-ser não é incognoscível, pois ignorar não é incognoscibilidade, a ignorância é um estado, uma condição. Já a opinião (*doxa*), se apresenta como uma forma de conhecimento que em relação a ignorância, é mais clara e em relação ao conhecimento (*episteme*), mais obscura. Esses estágios do conhecimento se revelam como potências diferentes: uma se apresenta em condição ainda precária, *doxa*, e, outra, sólida e segura, *episteme*. No tocante as finalidades desses dois níveis de conhecimentos, Platão argumenta que o conhecimento tem por finalidade conhecer aquilo que lhe é congênere, ou seja, o Ser. Já a opinião compete a multiplicidade de aparências. Sobre isso e em relação as potências, examina-se o recorte:

“Portanto, a ciência, uma vez que respeita por natureza ao Ser, não se destina a conhecer o que é o Ser? Mas primeiro parece-me que é preciso estabelecer uma diferença.

- Como?

- Diremos que as potências são um género de seres, pelos quais nós podemos fazer aquilo que podemos, nós e tudo o mais que tenha capacidade de actuação. Por exemplo, afirmo que a vista e o ouvido pertencem ao número das potências – se é que compreendes o que quero dizer com este nome genérico.

- Compreendo, sim.

- Escuta então o que penso a respeito delas. Não vejo nas potências qualquer cor ou figura ou qualquer dos predicados como têm tantas outras coisas, observando algumas das quais distingo que uns objectos são de uma qualidade, e outros de outra. Numa potência, apenas reparo no seu objeto e nos seus efeitos; e deste modo chamo potência a cada uma delas, e chamo idênticas às que se aplicam ao mesmo objeto e produzem os mesmos resultados, e diversas as que se aplicam a objectos diferentes e operam outros efeitos. E tu? Como é que fazes? (PLATÃO, *República*, 477b-d).

Primeiramente, observa-se que Platão define as potências como meios de atuação, ou seja, como capacidade de mover algo. Apesar de não dizer nessa passagem, entende-se que Platão pode estar se referindo as potências da alma. Consequentemente, seriam potências, os sentidos da visão e da audição, estes servem como meios para revelar à alma as características inerentes dos objetos sensíveis. E por se destinarem aos mesmos tipos de objetos são consideradas potências idênticas, pois, servem para distinguir as qualidades dos objetos.

Em seguida Platão afirma que o conhecimento é uma potência: “Olha aqui outra vez, meu excelente amigo. Afirmas que a ciência é uma potência, ou coloca-a noutra classe? – Coloco-a nessa, e por sinal que é a mais forte de todas.” (PLATÃO, *República*, 477d). Ou seja, o próprio conhecimento é uma potência e certamente destina-se a identificar as qualidades dos objetos inteligíveis, isto é, as ideias, por isso, é a potência mais forte de todas. Já a opinião se entretém nas aparências, “De modo nenhum, porquanto a potência que nos permite julgar pelas aparências não é senão a opinião.” (PLATÃO, *República*, 477e). O conhecimento é, nas palavras de Platão, infalível, “Pois como é que alguém que tenha entendimento havia de identificar o que é infalível com o que não é?” (PLATÃO, *República*, 477e). Ou seja, o conhecimento é certo, garantido, mas a opinião, não.

Nesse cenário, retoma-se ao tópico anteriormente mencionado sobre o fundamento das aparências, a saber, o que é que existe e não existe? Platão faz o questionamento: “Falta-nos ainda descobrir, ao que parece, o que é que participa de ambas as coisas, do Ser e do Não-ser.” (PLATÃO, *República*, 478e). Ao que responde:

- Não, mas é forçoso que as mesmas coisas pareçam, de certo modo, belas e feias, e bem assim as outras por que perguntas.

- E agora as quantidades duplas? Podem parecer menos metades do que duplas?

- De modo nenhum.

- E as coisas grandes ou pequenas, leves ou pesadas, não lhes cabem mais estas qualificações que lhes damos do que as inversas?

- Não, mas cada uma delas terá sempre algo de ambas. Ora então cada uma destas numerosas coisas é antes aquilo que nós dizemos que é, ou não o é?”

- Parecem-se com as frases de duplo sentido, que se dizem nos banquetes, e com o enigma infantil do que dá no morcego, em que se manda adivinhar com lhe bateu e em cima de que é que ele estava. Também estas coisas podem ter dois sentidos, e

não é possível ter delas uma concepção fixa como sendo ou não sendo, nem como sendo as duas coisas, ou nenhuma delas. (PLATÃO, *República*, 479b-c)

Conforme exposto anteriormente, a opinião julga pelas aparências e faz isso por intermédio das potências da visão e da audição que não possuem em si predicados, entretanto, permitem conhecer as qualidades contraditórias dos objetos sensíveis. Por isso, de um mesmo objeto pode-se dizer que é bonito e feio, grande e pequeno, leve e pesado. São objetos com essas características que compõem o campo de atuação da opinião. Os sentidos apreendem os objetos, e deles temos várias aparências, pois, a opinião não dá conta de refletir sobre o que o objeto é de fato.

Platão, assim como divide os objetos em duas categorias: objetos que convidam para a reflexão e objetos que não convidam para a reflexão, também exemplifica essa divisão. Os objetos que convidam a alma para a reflexão são aqueles que causam dúvidas, aqueles que não são decifráveis pelos sentidos do corpo. Já os objetos que causam dúvidas são os que chamam a atenção da alma para investigação. A divisão e os exemplos são apresentados no trecho a seguir:

- Os objectos que não convidam o espírito à reflexão – esclareci eu - são todos aqueles que não conduzem simultaneamente a sensações contrárias; os que conduzem, coloco-os entre os que convidam à reflexão, sempre que a sensação, quer venha de perto, quer de longe, não põe em evidência se se trata de um objeto, se do seu contrário. (PLATÃO, *República*, 523b-c).
- Compreenderás mais claramente o que digo da seguinte maneira. Afirmamos que estão aqui três dedos, o mínimo, o indicador e o médio.
- Perfeitamente.
- Imagina que estou a referir-se a eles como se fossem vistos de perto. Faz então as seguintes observações sobre eles.
- Quais?
- Cada um deles parece igualmente um dedo, e sob esse aspecto, não faz diferença alguma que seja visto no meio ou na extremidade, que seja branco ou preto, grosso ou fino, e todas as outras distinções deste género. É que em todos estes casos, a alma da maior parte das pessoas não é forçada a perguntar ao entendimento que coisa é um dedo, porquanto em nenhuma ocasião a vista lhe indicou ao mesmo tempo que um dedo fosse algo diferente de um dedo.
- De facto, não.
- Portanto, é natural que uma sensação destas não convide o espírito à reflexão, nem o desperte. (PLATÃO, *República*, 523c-e).

Platão demonstra os tipos de sensações que não convidam à reflexão, pois, os próprios sentidos dão conta de distinguir as impressões. Por outro lado, existem os objetos que conduzem as sensações contrárias, isto é, causam dúvidas, convidam a alma para a reflexão. A esse respeito observa-se:

- E agora? Quanto à sua grandeza ou pequenez, acaso a vista as distingue suficientemente, e não lhe importa nada que qualquer deles fique no meio ou na extremidade? E, do mesmo modo, o tacto em relação à espessura e à finura, moleza e dureza? E os restantes sentidos, acaso não são suficientes ao distinguir estas

qualidades? Ou não é deste modo que cada um deles procede: em primeiro lugar, o sentido encarregado de perceber a dureza é forçado a encarregar-se também da moleza, e anuncia à alma que a mesma coisa é dura e mole, quando tem a percepção de que assim é. (PLATÃO, *República*, 523e-524a).

Isto exemplifica melhor o argumento anteriormente apresentado sobre a natureza da *doxa* (opinião), que é o que se encontra entre o Não-ser e o Ser, quando Platão se refere aos objetos bonito e feio, leve e pesado, grande e pequeno. Nesse contexto, objetos que produzem sensações contrárias são passíveis de serem investigados. Assim, Platão descreve o estado da alma diante dessas sensações:

- Ora não é forçoso que, em tais circunstâncias, a alma fique perplexa ante o significado de uma sensação de dureza e de moleza no mesmo objeto, e bem assim da de leveza e de peso, sem saber o que é a leveza e o peso, uma vez que o que é pesado mostra ter também leveza, e o que é leve, peso?
- Estas comunicações são realmente estranhas para a alma e carecem de exame.
- É natural, portanto, em tais circunstâncias, que a alma, em primeiro lugar, apele para o entendimento e a inteligência e tente examinar se cada uma destas informações diz respeito a uma coisa ou a duas. (PLATÃO, *República*, 523e-524b).

Tais ambiguidades fazem com que a alma fique perplexa, ou seja, fique sem reação diante de sensações, tornando o objeto parte de um problema. Nesse sentido, conforme Platão indica, inicialmente a alma apela para o entendimento, ou seja, para o raciocínio matemático, e em seguida para a inteligência através da dialética a fim de saber de que se tratam os objetos. Assim, a *doxa* (opinião) parece ambígua, pois, “a opinião te parece mais obscura do que a ciência e mais clara que a ignorância? Parece, e bem mais. Fica entre uma e outra? Fica.” (PLATÃO, *República*, 478c-d).

Então, Platão afirma que o conhecimento é possível e o expõe a partir dos graus da *doxa* (opinião) e da *episteme* (conhecimento), dentro da discussão sobre o projeto do filósofo governante, pois, ao que apenas tem aparência de filósofo, cabe a *doxa*:

- [...] dos que contemplam a multiplicidade de coisas belas, sem verem a beleza em si, nem serem capazes de seguir outra pessoa que os conduza até junto dela, e sem verem a justiça, e tudo da mesma maneira - desses, diremos que têm opiniões sobre tudo, mas não conhecem nada daquilo sobre que as emitem. (PLATÃO, *República*, 479e).

E ao filósofo governante cabe a *episteme* (conhecimento), “aqueles que são capazes de subir até ao belo em si e de o contemplar na sua essência, acaso não serão muito raros?” (PLATÃO, *República*, 476b). Subentende-se que a subida seria o trabalho ascendente da alma em busca de clareza e discernimento, o que indica ser mais difícil de alcançar. Para Platão, somente o filósofo tem a capacidade de alcançar esse nível de conhecimento, por isso, precisa governar a cidade, “contemplam as coisas em si, as que permanecem sempre idênticas?

Porventura não é isso conhecimento, e não opinião? Também isso é forçoso” (PLATÃO, *República*, 479e).

1.1 Doxa e episteme a partir das imagens da República

Pode-se dizer que na teoria platônica do conhecimento a primeira proposição diz respeito a possibilidade do conhecimento, isto é, o conhecimento existe e é possível apreendê-lo mediante um processo, conforme observa-se na exposição sobre a imagem da Linha Dividida. Nessa perspectiva, após fixar que é possível adquirir conhecimento, Platão apresenta os graus do conhecimento que são inicialmente dois, *doxa* (opinião) e *episteme* (conhecimento), estes se subdividem em outros dois, totalizando quatro graus, ilusão, crença, conhecimento e sabedoria, sendo os dois primeiros pertencentes ao mundo sensível, portanto, *doxa* (opinião) e os dois últimos pertencentes ao mundo inteligível, portanto, conhecimento. Todavia, os graus do conhecimento não são complementares:

Na verdade, temos, na *República*, a mesma estrutura apresentada nos diálogos *Ménon* e *Fédon*, onde Platão busca mostrar a diferença essencial entre o conhecimento e a opinião verdadeira, onde os dois tipos de conhecimento se apresentam como possíveis, mas que não devem ser considerados como lineares nem complementares (FRANKLIN, 2004, p.137).

Como então esclarecer essa complexidade? Compreende-se que Platão demonstra o problema do conhecimento no diálogo *República* a partir das imagens do Bem, da Linha Dividida e da Caverna no intuito de esclarecer como o conhecimento se processa. Todavia, em que medida uma imagem pode refletir a realidade? Sobre isso, observa-se o seguinte: “Acho forçosamente que devemos partir da verdade, responde Crátilo. É esta também a opinião de Platão, e não somente em relação aos nomes-imagens, mas ainda em relação a qualquer outra imagem que pretenda reproduzir a verdade” (GOLDSCHMIDT, 2002, p.16). Ou seja, a citação indica dois caminhos para o saber, um a partir da própria verdade e outro a partir da imagem. Certamente, a imagem que tenta reproduzir a verdade, será sempre uma imagem com seus defeitos e falhas, imagem e realidade são distintas. Dessa maneira, os três símiles da *República*, o Bem, a Linha e a Caverna, estariam ligados entre si e com o propósito de expressar, por semelhança, a verdade, o conhecimento e a realidade. Seriam as imagens necessárias ou não? Examina-se o seguinte:

A Carta VII nos disse que enumerava a imagem entre os modos de conhecimento imperfeitos, mas indispensáveis para quem queira obter uma ciência perfeita do objeto. Os diálogos nos dão a razão disto em muitos lugares, e isto se deve à nossa incapacidade de apreender o objeto diretamente. Por isso, talvez ele não valha para

todo pesquisador. Pode ser que um dialético pudesse fazer economia de tal desvio (GOLDSCHMIDT, 2002, p.16).

Isto é, parece que a imagem é necessária, pois diz respeito a um “modo de conhecimento imperfeito”, nesse sentido, compreende-se que a imagem é, para a maioria das pessoas, algo necessário devido à nossa “incapacidade de apreender o objeto diretamente”. Entretanto, como dito no parágrafo acima o ideal seria partir da verdade, mas a nossa dificuldade de apreender a verdade requer a fragilidade da imagem. Entre o sujeito cognoscente e a realidade estaria a imagem. Por outro lado, é possível que o dialético, aquele que faz o raciocínio só com o auxílio das ideias “pudesse fazer economia de tal desvio”, ou seja, ignorar a imagem e buscar apreender a verdade mediante o exercício dialético. A imagem tem a sua função, observa-se que:

Pode ser que os cursos proferidos por Platão para os seus íntimos, as famosas “doutrinas não-escritas”, fossem isentos dessa fragilidade. Mas podemos julgar apenas pela obra escrita. Ora, em um dos diálogos propriamente ditos, o orientador de estudos não conversa com um mestre, mas sempre com um aluno, aliás mais ou menos bem dotado. Todas essas personagens têm necessidade de orientação e de vigilância. Todos são chamados a esta iniciação graduada, a esta ascensão lenta que a alegoria da Caverna descreve (GOLDSCHMIDT, 2002, p.16).

A imagem corresponde a uma “iniciação graduada”, de apreensão do objeto. Nesse sentido, certamente a imagem do Bem, da Linha e da Caverna apresentadas no diálogo *República* são representações do conhecimento e de seus graus. Nesse contexto, o diálogo entre o mestre, “como o orientador de estudos” e o aluno, que necessita de “orientação e de vigilância” é imprescindível. Justamente nesse diálogo, acontece a mediação que necessita da imagem para ilustrar o conhecimento. Ao pensar no contexto da sala de aula isso é importante, pois o professor, ao realizar a mediação entre o aluno e o conhecimento precisa de recursos que facilitem a transição entre o não saber e o saber.

1.1.1 Imagem do Bem e do Sol

Ao criar um modelo da *pólis* justa Platão coloca como condição de efetivação ser governada por filósofos. Por isso, discute de que maneira deve ser a educação do governante na medida em que afirma que este precisa ter: “o dom de aprender com facilidade, memória, agudeza e prontidão de espírito [...]” (PLATÃO, *República*, 503c), e, além disso, o governante precisa se “exercitar em muitas ciências” e se dedicar ao que Platão chama de “estudos superiores”:

Por conseguinte, têm de se pôr à prova dos trabalhos, temores e prazeres que há pouco mencionámos, e ainda daquilo que então deixámos ficar, mas que agora referimos, que precisam se exercitar em muitas ciências, para ver se são capazes de aguentar estudos superiores ou se sentem receio deles, como aqueles que têm medo nos demais casos” (PLATÃO, *República*, 503e).

Platão desenvolve um projeto de educação no intuito de formar o governante para bem administrar a cidade, por isso, não se trata de um caminho fácil, mas que é preciso manter-se firme e prosseguir nas investigações. Platão menciona que a ideia do Bem é a ciência mais elevada, conseqüentemente, trata-se dos “estudos superiores” que o aprendiz de governante precisa se dedicar: “[...] a ideia do bem é a mais elevada das ciências, e que para ela é que a justiça e as outras virtudes se tornam úteis e valiosas.” (PLATÃO, *República*, 505a). O que é o Bem e, como pode ser ciência?

- Pois então! E não é evidente que, quanto ao *justo e ao belo*, muitas pessoas escolherão as *aparências* e, ainda que não tenham realidade, mesmo assim é isso que querem praticar, possuir e aparentar; ao passo que, quanto ao bem, a ninguém basta já possuir a aparência, mas procuram a realidade, e, nesse ponto, já toda a gente despreza a aparência?
- Exatamente. (PLATÃO, *República*, 505d). (grifo nosso)

No trecho acima, destacamos as expressões “ao justo e ao belo” e as “aparências”, pois certamente Platão está se referindo a distinção entre Inteligível e Sensível, isto é, conhecimento e opinião. Nesse contexto, discutir o que é a ciência do Bem, se torna um problema, pois se trata da ciência mais elevada, a que nos parece ser a ideia que oferece sentido as demais ideias:

- “[...] se a não conhecemos, e se, à parte essa ideia, conhecermos tudo quanto há, sabes que de nada nos serve, da mesma maneira que nada possuímos, se não tivermos o bem. Ou julgas que vale de muito possuir qualquer coisa que seja, se ela não for boa? Ou conhecer tudo o mais, excepto o bem, e não conhecer nada de belo e bom?
- Por Zeus que não! (PLATÃO, *República*, 505 a-b).

Platão estaria se referindo a uma hierarquia de ideias? Já que menciona que se não se conhece a ideia do Bem, de nada nos serve outros conhecimentos. Aparenta que Platão profere a palavra Bem para se referir a pesquisa das essências, por isso, a dificuldade de seu ‘alter ego’ Sócrates falar sobre essa ciência quando questionado, o que faz com que prefira falar sobre o filho do bem: “Podes, portanto, dizer que é o Sol, que eu considero filho do bem, que o bem gerou à sua semelhança, o qual bem é, no espaço inteligível, em relação à inteligência e ao inteligível, o mesmo que o Sol no mundo visível em relação à vista e ao visível.” (PLATÃO, *República*, 508 b-c). No campo Inteligível, a saber, o não Visível, reina o pai, que é o Bem, já no campo Visível, a saber, o não Inteligível, reina o filho do Bem, o Sol. O Sol seria a representação da imagem do Bem. Enquanto o Bem, propriamente dito, está no

campo Inteligível, representando a condição dessa luz refletida. O Bem é o que ilumina a inteligência a seguir na pesquisa da essência dos conceitos, o mesmo ocorre com o Sol no campo Visível, que ilumina os objetos visíveis e permite o sentido da visão, órgão do corpo, apreendê-los. Ambos são condição de existência de seus mundos, Sensível e Inteligível.

Platão elabora uma teoria ótica pois apresenta como nós vemos. Há a faculdade da visão, órgão do corpo, todavia, por si só essa faculdade não consegue efetivar-se no discernimento dos objetos. A relação entre o sujeito que vê e os objetos da visão só é possível devido a uma terceira espécie, que é a luz. Sem a luz do Sol não é possível ver as cores e, ao mesmo tempo, o Sol é fonte de vida, pois, “reconhecerás que o Sol proporciona às coisas visíveis, não só, segundo julgo, a faculdade de serem vistas, mas também a sua gênese, crescimento e alimentação, sem que seja ele mesmo a gênese” (PLATÃO, *República*, 509b).

A respeito da teoria ótica Platão diz que:

- Ainda que exista nos olhos a visão, e quem a possui tente servir-se dela, e ainda que a cor esteja presente nas coisas, se não lhes adicionar uma terceira espécie, criada expressamente para o efeito, sabes que a vista nada verá, e as cores serão invisíveis.
- Que é isso a que te referes?
- É aquilo a que chamas luz. (PLATÃO, *República*, 507 d-e).

Enquanto o sujeito que vê necessita da luz para ver os objetos sensíveis, sejam artefatos ou seres vivos, portanto, sujeitos a alteração, o que não permite ter o conhecimento desses objetos, mas apenas aparências, por outro lado, quando a alma “[...] se fixa num objeto iluminado pela verdade e pelo Ser, compreende-o, conhece-o e parece inteligente” (PLATÃO, *República*, 508d). Os olhos da alma quando iluminados pela Verdade, adquire conhecimento: “porém, quando se fixa num objeto ao qual se mistura as trevas, o que nasce e morre, só sabe ter opiniões, vê mal, alterando o seu parecer de alto a baixo, e parece já não ter inteligência” (PLATÃO, *República*, 508d). Nessa perspectiva, a luz e a verdade, ambas em seus domínios, seriam semelhantes no sentido de possibilitarem a opinião e o conhecimento. A opinião porque é o que se formula a partir dos objetos sensíveis que estão em constante mudança, já o conhecimento, que não pode ser formulado a partir do que está sempre se alterando, é sólido porque é iluminado pela Verdade.

Se o que transmite a luz é o Sol, o que transmite a Verdade, é o Bem. Conforme Platão afirma: “fica sabendo que o que transmite a verdade aos objectos cognoscíveis e dá ao sujeito que conhece esse poder, é a ideia do bem.” (PLATÃO, *República*, 508e). Parece-nos ser a ciência do Bem um nome que Platão determinou para tratar da investigação das

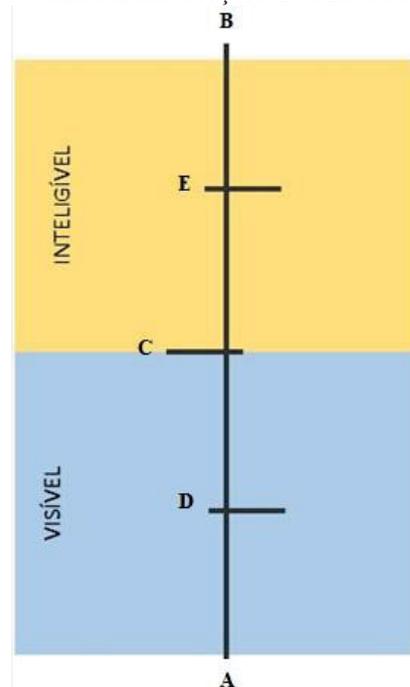
essências, por isso está ligado ao mundo Inteligível e a *episteme* (conhecimento), enquanto o Sol faz parte do mundo Sensível e a *doxa* (opinião).

1.1.2 Imagem da Linha Dividida como processo de conhecimento em Platão

Nessa seção o objetivo concentra-se em compreender como o conhecimento se processa na perspectiva de Platão através do que descreve na imagem da Linha Dividida, expressa ao final do Livro VI do diálogo *República*.

A apresentação da Linha Dividida, que busca mostrar ao interlocutor como o processo do conhecimento se desenvolve inicia assim, “Supõe então uma linha cortada em duas partes desiguais; corta novamente cada um dos segmentos segundo a mesma proporção, o da espécie visível e o da inteligível.” (PLATÃO, *República*, 509d). Ilustrado pela Figura 1:

FIGURA 1 – REPRESENTAÇÃO DA LINHA DIVIDIDA



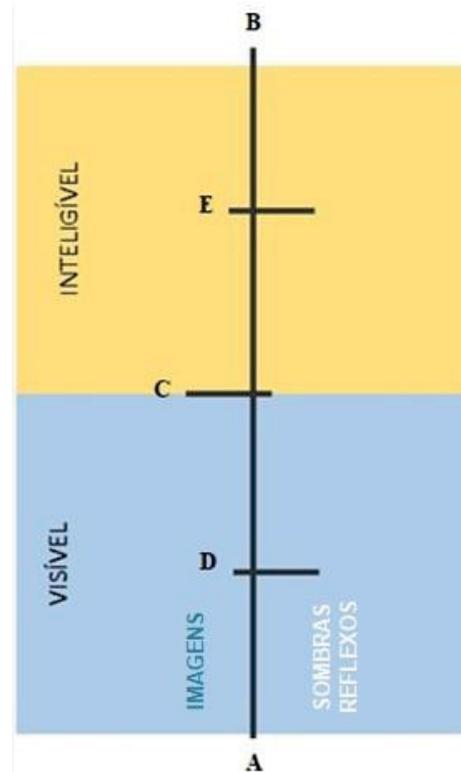
FONTE: a autora (2024)

O primeiro passo é imaginar uma linha (AB) dividida em duas partes (AC e CB). O segundo passo é dividir as partes (AC e CB), o resultado é uma linha dividida em quatro partes entre si (AD, DC, CE, EB). As partes (AD e DC) são do âmbito do Visível e as partes (CE e EB) do Inteligível.

As imagens compõem a primeira parte da linha (AD), “e obterás no campo visível, segundo a sua claridade ou obscuridade relativa, uma secção, a das imagens.” (PLATÃO,

República, 509d). Platão se refere a essas imagens como algo impreciso: “Chamo imagens, em primeiro lugar, às sombras; seguidamente, aos reflexos nas águas, e àqueles que se formam em todos os corpos compactos, lisos e brilhantes, e a tudo o mais que for do mesmo género, se estás a entender-me. – Entendo sim.” (PLATÃO, *República*, 509e – 510a). Ilustrado pela Figura 2:

FIGURA 2 - REPRESENTAÇÃO DA LINHA DIVIDIDA SEGUIMENTO AD

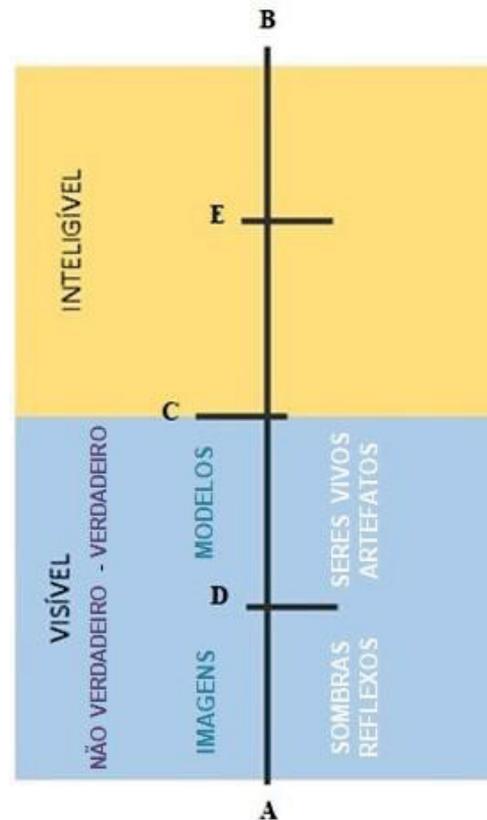


FONTE: a autora (2024)

Se as imagens compõem a primeira parte da linha dividida (AD), o que as causa? Uma imagem é sempre a representação de algo. Nesse sentido, a segunda parte da linha dividida (DC) é composta pelos modelos das imagens que são os seres vivos e os produtos, isto é, aquilo que produzimos. O texto é claro nesse sentido: “Supõe agora a outra secção, da qual esta era imagem, a que abrange a nós, seres vivos, e a todas as plantas e toda a espécie de artefactos. – Suponho.” (PLATÃO, *República*, 510a).

No âmbito do visível (AD e DC), reinam o verdadeiro e o não verdadeiro: “Acaso consentirias em aceitar que o visível se divide no que é verdadeiro e no que não o é. E que, tal como a opinião está para o saber, assim está a imagem para o modelo? – Aceito perfeitamente.” (PLATÃO, *República*, 510a). Ilustrado pela Figura 3:

FIGURA 3- REPRESENTAÇÃO DA LINHA DIVIDIDA SEGUIMENTO AC



FONTE: a autora (2024)

Pode-se compreender que os domínios “não verdadeiro” e “verdadeiro” são característicos do campo Visível, de modo que as imagens, primeira parte da linha dividida (AD) pertence ao domínio do não verdadeiro, ou ilusório, já os modelos, segunda parte da linha (DC) pertence ao domínio do verdadeiro. Segundo Gabriel Trindade (2008, p.28), “nos dois segmentos da seção inferior da Linha (VI 509e-510a), analisando o sensível, distingue originais de imagens.” Por que as imagens, que existem, não são consideradas originais ou verdadeiras? Talvez porque não existam por si, pois dependem do modelo. Assim Platão busca esclarecer os diferentes modos de acesso ao mundo e especifica que as imagens que causam ilusões e confusões, são diversas do que é verdadeiro, que são os modelos, tais quais os seres vivos e os produtos.

Como Platão fala nos domínios “não verdadeiro” e “verdadeiro” no âmbito da espécie Visível, e ilustra isso na Linha Dividida com as imagens e os modelos, compreende-se que está diferenciando dois níveis de formulação sobre a realidade, ilusão e crença. A Ilusão seria o que pode-se ter a partir das imagens, todavia, as imagens pertencem ao não verdadeiro, logo, não se pode ter conhecimento do que não é verdadeiro, só se pode ter o engano e a suposição. A crença, outro nível de percepção, seria o que se pode ter a partir de si mesmo e

do que é produzido, são as próprias convicções do ser. Esses dois níveis, ilusão e crença, expressos na imagem da Linha Dividida, ainda assim, não oferecem o conhecimento seguro sobre a realidade, pois partem da mutabilidade dos sentidos do corpo, visão, audição, paladar, olfato e tato, que fornecem impressões inconsistentes, por isso, pertencem a *doxa* (opinião).

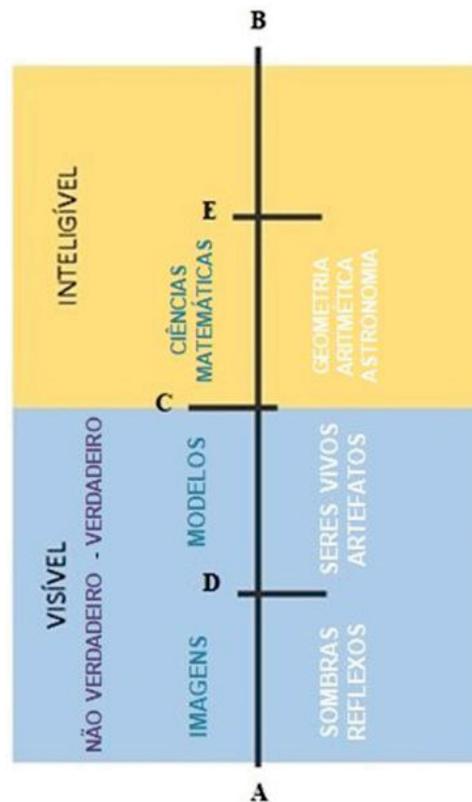
O campo do Inteligível também é composto por duas partes que são as Ciências Matemáticas e a Dialética:

- Examina agora de que maneira se deve cortar a secção do inteligível.
- Como?
- Na parte anterior, a alma, servindo-se, como se fossem imagens, dos objectos que então eram imitados, é forçada a investigar a partir de hipóteses, sem poder caminhar para o princípio, mas para a conclusão; ao passo que, na outra parte, a que conduz ao princípio absoluto, parte da hipótese, e, dispensando as imagens que havia no outro, faz caminho só com auxílio das ideias.
- Não percebi bem o que estivesse a dizer.
- Vamos lá outra vez – disse eu – que compreenderás melhor o que afirmei anteriormente. Suponho que sabes que aqueles que se ocupam da geometria, da aritmética e ciências desse género, admitem o par e o ímpar, as figuras, três espécies de ângulos, e outras doutrinas irmãs destas, segundo o campo de cada um. Estas coisas dão-nas por sabidas, é, quando as usam como hipóteses, não acham que ainda seja necessário prestar contas disto a si mesmos nem aos outros, uma vez que são evidentes para todos. E, partindo daí analisando todas as fases, e tirando as consequências, atingem o ponto a cuja investigação se tinham abalçoado.
- Isso, sei-o perfeitamente. (PLATÃO, *República*, 510b-510d).

No campo Inteligível, na primeira parte da Linha Dividida (CE), o trabalho que a alma realiza consiste em tomar como referência os seres vivos e as produções como conteúdos para investigação. Não é a própria imagem dos seres e dos produtos que se usa nas investigações, como as imagens distorcidas do Visível, mas sim a imagem racionalizada, ou seja, a imagem dos seres e produtos criada pelo raciocínio matemático e não pelo sentido da visão.

Nesse processo realizado pela alma, o ponto de partida é a hipótese e o fim é a conclusão, que pode ser comprovada ou não. Já na outra parte da Linha Dividida (EB), a alma investiga “só com auxílio das ideias”, sem imagens, que será aprofundado adiante. Com a primeira parte do campo Inteligível preenchida, pode-se visualizar a Linha Dividida conforme a imagem a baixo (Fig. 4):

FIGURA 4 - REPRESENTAÇÃO DA LINHA DIVIDIDA SEGUIMENTO CD



FONTE: a autora (2024)

Em oposição a opinião causada pelas imagens confusas do mundo Visível, o saber matemático pode ser considerado o primeiro nível de conhecimento seguro sobre a realidade, pois há uma espécie de consenso sobre os princípios matemáticos, por isso, esse nível de conhecimento é mais claro. Por exemplo, pode-se supor o tamanho da área de uma sala pelo olhar, no entanto, se aplicar uma razão matemática, tem-se um resultado exato da área. Essa argumentação é central no texto:

- Logo, sabes também que se servem de figuras visíveis e estabelecem acerca delas os seus raciocínios, sem, contudo, pensarem neles, mas naquilo com que se parecem; fazem os seus raciocínios por causa do quadrado em si ou da diagonal em si, mas não daquela cuja imagem traçaram, e do mesmo modo quanto às restantes figuras. Aquilo que eles modelam ou desenharam, de que existem as sombras e os reflexos na água, servem-se disso como se fossem imagens, procurando ver o que não pode avistar-se, senão pelo pensamento.

- Falas verdade.

- Portanto, era isto o que eu queria dizer com a classe do inteligível, que a alma é obrigada a servir-se de hipóteses ao procurar investiga-las, sem ir ao princípio, pois não pode elevar-se acima das hipóteses, mas utilizando como imagens os próprios originais dos quais eram feitas as imagens pelos objectos da secção inferior, pois esses também, em comparação com as sombras, eram considerados e apreciados como mais claros. (PLATÃO, *República*, 510d - 511a).

Platão admira as Ciências Matemáticas porque elas fornecem conhecimentos mais adequados e coerentes sobre o mundo, em comparação com os sentidos que fornecem

impressões confusas. Platão se refere a pessoas com habilidades matemáticas como especiais: “observaste que os que nasceram para o cálculo nasceram prontos, por assim dizer, para todas as ciências.” (PLATÃO, *República*, 526b). Pois, segundo Platão, os que se exercitam nas ciências matemáticas “ganham maior agudeza de espírito.” (PLATÃO, *República*, 526b).

As ciências tem uma dupla função, a prática, ou seja, tudo pertencente ao mundo visível, e ao mesmo tempo dão condições a aquele que bem percorre o caminho a compreender as mesmas ciências de forma propedêutica para se chegar as ideias. A função prática diz respeito a matemática do dia a dia, por exemplo, o uso que faz o cobrador, o matemático, o filósofo. O plano educativo de Platão, descrito na *República*, leva em conta o contexto do qual o matemático poderia se tornar um governante justo e as ciências são o meio para se alcançar essa excelência. Tais disciplinas são discutidas na obra no livro VII, que será discutido posteriormente. No entanto, é importante relacionar a imagem da Linha Dividida e seu processo do conhecimento com o ensino das disciplinas do programa educativo.

A primeira ciência que o rei filósofo precisa exercitar é a Aritmética, pois, segundo Platão, ela está presente em todas as artes e demais ciências, conforme o trecho: “aquela modesta ciência – prossegui eu – que distingue o um do dois e do três. Refiro-me, em resumo, à ciência dos números e do cálculo. Ou não é ela de tal modo que toda arte e ciência é forçada a ter parte nela? - Sim, e muito.” (PLATÃO, *República*, 522c). Platão conta que até a arte da guerra faz uso dessa ciência: “logo, que outra ciência havemos de considerar necessária a um guerreiro, como a de poder calcular e contar? - Essa mais do que todas, se quiser compreender alguma coisa de tática, e mais ainda, se quiser ser um homem.” (PLATÃO, *República*, 522e). Para os generais conduzirem as tropas ao espaço onde se deve combater, a arte de calcular e contar são indispensáveis, pois, permite não somente fazer o mapeamento da área, quanto calcular distâncias, imprescindível quando se deseja vencer o combate.

Platão destaca o papel formativo da arte de calcular e contar na educação do homem, uma vez que: “conduzem naturalmente à inteligência, mas de que ninguém se serve correctamente, apesar de ela nos elevar perfeitamente até ao Ser.” (PLATÃO, *República*, 523a). Como visto anteriormente, as ciências matemáticas tem dupla função, uma prática no mundo visível e outra propedêutica: “é forçoso que o guerreiro as aprenda, por causa da tática, e o filósofo, para atingir a essência, emergindo do mundo da geração, sem o que jamais se tornará proficiente na arte de calcular.” (PLATÃO, *República*, 525b). Esse sentido duplo das ciências que formam o filósofo é recorrente no processo educativo proposto por Platão, pois não deixam de ter utilidade prática para a vida do cidadão e são propedêuticas na formação superior do filósofo, que seria cidadão e governante ao mesmo tempo.

Considerando a Geometria é a segunda ciência que Platão propõe aos jovens, tem efeitos acessórios, mas não pequenos:

- Na medida em que se aplica às questões de guerra, é evidente que nos convém. Efectivamente, para formar um acampamento, para conquistar uma região, para cerrar ou dispor as fileiras e quantas evoluções fazem os exércitos nas próprias batalhas ou em marcha, há uma diferença entre quem é géometra e quem não é. (PLATÃO, *República*, 526d).

Se entendermos a Geometria como o estudo das formas, torna-se indispensável para conhecer os possíveis obstáculos de uma região, bem como os seus limites, área, construção de mapas e, identificar os melhores lugares para montar os acampamentos com segurança. Se no contexto prático a Geometria possui esses efeitos, assim como a Aritmética, também conduz à essência, pois: “portanto, meu caro, serviria para atrair a alma para a verdade e produzir o pensamento filosófico, que leva a começar a voltar o espírito para as alturas e não cá para baixo, como agora fazemos, sem dever.” (PLATÃO, *República*, 527b). A Geometria também possibilita a construção do pensamento filosófico, uma vez que eleva o raciocínio dos objetos simples do mundo físico ao que verdadeiramente importa ao filósofo, o pensamento reflexivo, isto é, o perguntar sobre o modo como nós pensamos, por isso diz-se que a filosofia é pensamento do pensamento, pois, filosofia não pode ser pensamento pronto. Para Platão: “aquele que estudou geometria difere totalmente de quem não a estudou.” (PLATÃO, *República*, 527c).

Por fim, Platão cita a Astronomia como ciência necessária para a agricultura navegação e arte militar: “Ora bem. E vamos pôr a astronomia em terceiro lugar? Ou não te parece? – Parece-me, sem dúvida, porquanto convém não só a agricultura e à navegação, mas não menos à arte militar, uma perfeita compreensão das estações, meses e anos. (PLATÃO, *República*, 527d). Sabe-se que as atividades de preparação da terra para plantação e colheita se fazem conforme cada estação do ano, ou seja, existe o tempo para plantar e o de colher, isso conforme o período de chuva e estiagem. Já o movimento dos astros pode impactar na navegação, indicar as melhores rotas e servir de localização. Segundo Platão dentre tudo que é visível, deve-se considerar os astros como ornamentos, ou seja, enfeites, mais belos e perfeitos desta espécie:

- Estes ornamentos que há no céu, na medida em que estão incrustados no visível, devíamos realmente considera-los o mais belo e perfeito de tudo o que é visível, mas muito inferiores aos verdadeiros – muito inferiores aos movimentos pelos quais a velocidade essencial e a lentidão essencial, em número verdadeiro, e em todas as formas verdadeiras, se movem em relação uma à outra, e com isso fazem mover aquilo que nelas é essencial: são os verdadeiros ornamentos, que se apreendem pelo raciocínio e pela inteligência, mas não pela vista. (PLATÃO, *República*, 529 c-d).

Segundo Platão, mesmo sendo belos, os astros e seus movimentos são inferiores aos verdadeiros. Aprendem-se os verdadeiros pelo poder do raciocínio e da inteligência. Os do mundo físico, contemplado pelo sentido da visão. O estudo sobre os astros também é o ponto de partida para estudos superiores, Platão deixa claro: “devemos servir-nos, portanto, dos ornamentos celestes, como exemplos, para o estudo das coisas invisíveis” (PLATÃO, *República*, 529 d).

Os que se dedicam ao estudo das ciências matemáticas, em sua capacidade de ver, isto é, em seu modo de pensar, que é o entendimento, conseguem apreender a totalidade que compõe a espécie visível. Ou seja, “os seres vivos”, “os astros” e o próprio “Sol” são iluminados pelo pensamento matemático e, nesse quesito, são as ciências matemáticas que apresentam um primeiro conhecimento seguro sobre a realidade.

Os estudos nas Ciências Matemáticas compõem um caminho árduo de formação para compreender que há algo além do que se alcança com os sentidos, mas a investigação não é contínua, por isso, é preciso avançar para a próxima etapa, em que a pesquisa se dá de forma contínua e nunca se dá por satisfeita. Os que conseguirem dominar os saberes matemáticos estarão aptos para o próximo nível de conhecimento, a dialética, segunda e última seção do Inteligível:

- Aprende então o que quero dizer com o outro segmento do inteligível, daquele que o raciocínio atinge pelo poder da dialética, fazendo das hipóteses não princípios, mas hipóteses de facto, uma espécie de degraus e de pontos de apoio, para ir até àquilo que não admite hipóteses, que é o princípio de tudo, atingindo o qual desce, fixando-se em todas as consequências que daí decorrem, até chegar à conclusão, sem se servir em nada de qualquer dado sensível, mas passando das ideias umas às outras, e terminando em ideias (PLATÃO, *República*, 511b-c).

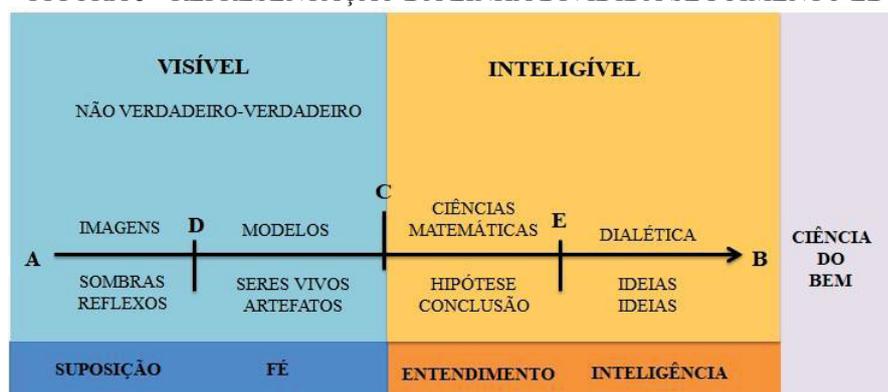
É possível compreender com essa passagem que Platão assinala tipos de conhecimento possíveis, mas que apenas um deles é capaz de levar a reflexão, e certamente, a Verdade. O conhecimento que tem origem na *episteme*, por exemplo, os objetos matemáticos, convidam a mente a refletir e se exercitar para resolver os problemas. Já os conhecimentos que tem origem na *doxa*, tem a característica de serem dados imediatos da mente e fazem com que os sentidos imprimam neles um tipo de saber empírico que produz apenas aparência.

Platão busca esclarecer que tipo de conhecimento cabe ao filósofo, aquele que promove a justiça na cidade. É o conhecimento originado na *episteme* que permite também o acesso à felicidade (*eudaimonia*). A distinção entre *doxa* e *episteme* na *República* de Platão, indica a necessidade de um novo fundamento para a ordem humana, mais justa e passível de promover a felicidade. A confiança no saber epistêmico, próprio do filósofo, leva a conceber que a ciência mais importante é a dialética que se eleva ao que é verdadeiro e original.

Platão problematiza o conceito de *doxa* por compreender que não poderia ser origem de conhecimentos confiáveis, assim busca estabelecer critérios para conduzir o raciocínio a Verdade. Na descrição da Linha Dividida, Platão busca estabelecer a origem de certos conhecimentos e como eles podem confundir a pessoa que busca conhecimentos para conduzir sua vida.

A problematização dessas questões é pertinente aos alunos do Ensino Médio, pois eles frequentemente apresentam rapidez em julgamentos e a busca por soluções prontas e rápidas. Dessa forma, abordar a diferença entre os tipos de conhecimento possíveis promove uma reflexão sobre todo o processo de conhecimento, mas certamente é preciso fazer como Platão, iniciar com uma imagem para introduzir a questão. Colocada a última seção do Inteligível, a Linha Dividida proposta nesse trabalho se apresenta conforme a imagem a baixo:

FIGURA 5 - REPRESENTAÇÃO DA LINHA DIVIDIDA SEGUIMENTO EB



FONTE: a autora (2024)

Portanto, observa-se na imagem da Linha Dividida que cada seção corresponde a um nível de conhecimento, sendo a ilusão, crença, conhecimento e sabedoria, ou nas palavras de Platão, inteligência, entendimento, fé e suposição:

Pega agora nas quatro operações da alma e aplica-as aos quatro segmentos: no mais elevado, a inteligência, no segundo, o entendimento; ao terceiro entrega a fé, e ao último a suposição, e coloca-os por ordem, atribuindo-lhes o mesmo grau de clareza que os seus respectivos objectos têm de verdade. (PLATÃO, *República*, 511 d-e).

Os níveis de conhecimento pertencem ao Visível e Inteligível, e são os norteadores da educação que tem fins na dialética. Para Platão, a ciência mais importante no processo educativo do filósofo. Platão diz que: “o visível seria distinguível pela linguagem e formado pela multiplicidade de coisas belas e boas.” (PLATÃO, *República*, 507b). Mesmo considerando o Inteligível como importante para acessar a realidade, Platão considera o

Visível como algo concreto, como a estátua de Apolo que tem sua beleza ligada a uma ideia de beleza. Essa ideia é caracterizada com o Inteligível.

A elaboração platônica permite compreender que o mesmo objeto pode ser problematizado tanto no Visível quanto no Inteligível. Então, o Inteligível é formado pelas ideias, que dão condições de existência para as coisas visíveis, como no exemplo da estátua de Apolo: “E que existe o belo em si, e o bom em si, e, do mesmo modo, relativamente a todas as coisas que então postulamos como múltiplas, e, inversamente, postulamos que a cada uma corresponde uma ideia, que é única, e chamamos-lhe a sua essência” (PLATÃO, *República*, 507b), portanto, do campo do não visível. Assim, a essência do belo, do bom, do herói está presente na estátua, mas a própria beleza, bondade e heroísmo continuam sendo ideias. Por isso, Platão relaciona na imagem da Linha os elementos que dão condições as coisas serem como são, isto é, o bem reina no Inteligível e o Sol no Visível.

1.1.3 Alegoria da Caverna

Nessa seção o objetivo concentra-se em comentar brevemente acerca da Alegoria da Caverna que está descrita no início do Livro VII do diálogo *República*, de Platão.

A Alegoria da Caverna narra a história de homens prisioneiros desde o seu nascimento em uma caverna, de modo que não conseguem movimentar-se, pois as suas pernas, pés e pescoços estão amarrados, fazendo com que olhem apenas para frente. A pouca iluminação que tem acesso é de um fogo que queima distante numa elevação atrás deles. Entre os homens e o fogo existe um muro parecido com um palco, compare-se com o texto a seguir:

Suponhamos uns homens numa habitação subterrânea em forma de caverna, com uma entrada aberta para a luz, que se estende a todo o comprimento dessa gruta. Estão lá dentro desde a infância, algemados de pernas e pescoços, de tal maneira que só lhes é dado permanecer no mesmo lugar e olhar em frente; são incapazes de voltar a cabeça, por causa dos grilhões; serve-lhes de iluminação um fogo que se queima ao longe, numa eminência, por detrás deles; entre a fogueira e os prisioneiros há um caminho ascendente, ao longo do qual se construiu um pequeno muro, no género dos tapumes que os homens dos <<robertos>> colocam diante do público, para mostrarem as suas habilidades por cima deles. (PLATÃO, *República*, 514 a-b).

A caverna simboliza o mundo da *doxa* (opinião), pois é ambiente fechado e com pouca luminosidade, onde os prisioneiros imóveis representam os homens comuns presos em sua ignorância, a ver as coisas somente por uma única perspectiva. Os grilhões são os pré-conceitos que impedem de conhecer a verdadeira realidade. O caminho ascendente representa a saída da caverna, isto é, a saída do mundo da ignorância. Todavia, um muro foi construído

exatamente nessa passagem, o que representa o quão árduo é a passagem da ignorância para o conhecimento, pois, diferentes obstáculos que precisam superados. Por conta desse árduo caminho ascendente, muitas vezes os homens preferem a comodidade das aparências.

O muro, que serve de palco, transitam homens conversando ou em silêncio carregando vários tipos de objetos que confundem os espectadores: “visiona também ao longo deste muro, homens que transportam toda a espécie de objectos, que o ultrapassam: estatuetas de homens e de animais, de pedra e de madeira, de toda espécie de labor; como é natural, dos que os transportam, uns falam, outros seguem calados.” (PLATÃO, *República*, 514 b-c). Segundo Platão, os prisioneiros só viam as sombras de tais objetos projetados à sua frente e julgavam como se fossem reais.

Um desses prisioneiros consegue libertar-se e vai para o exterior da caverna, onde tem contato com a luz pela primeira vez, entretanto, sente deslumbramento o que causa dor e não consegue enxergar porque não estava acostumado com aquela claridade, por isso, em um primeiro momento, prefere voltar para a caverna. Até então esse prisioneiro estava habituado a ver cópias distorcidas, vivia vendo as sombras e nomeando-as. Isso lhe parecia verdadeiro e real, mas era um engano, uma ilusão. Por isso, o prisioneiro precisava se habituar à nova realidade, aos poucos enxergaria melhor as sombras, as imagens e os próprios objectos, até a contemplação dos astros do céu a noite, conforme o passo a seguir:

- Precisava de se habituar, julgo eu, se quisesse ver o mundo superior. Em primeiro lugar, olharia mais facilmente para as sombras, depois disso para as imagens dos homens e dos outros objectos, reflectidas na água, e, por último, para os próprios objectos. A partir de então, seria capaz de contemplar o que há no céu, e o próprio céu, durante a noite, olhando para a luz das estrelas e da Lua, mais facilmente do que se fosse o Sol e o seu brilho de dia. (PLATÃO, *República*, 516 a-b).

Somente após se habituar conseguiria olhar diretamente para o Sol: “finalmente, julgo eu, seria capaz de olhar para o Sol e de o contemplar, não já a sua imagem na água ou em qualquer sítio, mas a ele mesmo, no seu lugar.” (PLATÃO, *República*, 516b). Esse momento em que o prisioneiro sai da caverna e encontra a luz pela primeira vez representa a saída das trevas da ignorância para a luminosidade do conhecimento, por isso se trata de uma subida ascendente. Fora da caverna, o prisioneiro compreende que o Sol é que possibilita tudo no campo visível: “depois já compreenderia, acerca do Sol, que é ele que causa as estações e os anos e que tudo dirige no mundo visível, e que é o responsável por tudo aquilo de que eles viam um arremedo.” (PLATÃO, *República*, 516 c-d).

Diante desse acontecimento, o prisioneiro compara a nova realidade com a vida que tinha dentro da caverna e alegra-se, mas sofre pelos outros prisioneiros que continuam a julgar

as sombras. O texto busca problematizar qual seria a reação do prisioneiro liberto nesse momento de contemplação da luminosidade. O texto é esclarecedor: “quando ele se lembrasse da sua primitiva habitação, e do saber que lá possuía, dos seus companheiros de prisão desse tempo, não crês que ele se regozijaria com a mudança e deploraria os outros? – Com certeza.” (PLATÃO, *República*, 516c). Se esse homem retornasse à caverna para contar aos seus colegas o que tinha visto fora da caverna, novamente os seus olhos ficariam perturbados com a escuridão da caverna e sofreria novamente a falta de nitidez daquele ambiente.

O prisioneiro que sai e volta para a caverna, para contar o que viu é ridicularizado pelos outros prisioneiros e corre o risco de ser morto, pois ao retornar tem o paradigma da luz do Sol e coloca em dúvida aquela ordem que estava estabelecida. Pode-se comparar o prisioneiro que sai da caverna com o processo educativo do filósofo, que quando ascende ao conhecimento compreende que tem responsabilidade em voltar a caverna e não abandonar aqueles prisioneiros em sua própria ignorância.

A caverna representa o campo do Visível, em seu interior estão os prisioneiros, as sombras e os reflexos, isto é, as imagens e os seres vivos e objetos. A pouca luminosidade que existe no interior da caverna é resquício da luz do Sol, que ilumina os objetos do visível. O caminho ascendente que o prisioneiro percorre representa, como diz Platão, a ascensão da alma ao mundo inteligível. O Sol é condição de existência do Visível, o que o Bem que reina no Inteligível. Segue a explicação no texto:

- Meu caro Gláucou, este quadro – prossegui eu – deve agora aplicar-se a tudo quanto dissemos anteriormente, comparando o mundo visível através dos olhos à caverna da prisão, e a luz da fogueira que lá existia à força do Sol. Quanto à subida ao mundo superior e a visão do que lá se encontra, se a tomares como ascensão da alma ao mundo inteligível, não iludirás a minha expectativa, já que é teu desejo conhecê-la. O Deus sabe se ela é verdadeira. Pois, segundo entendo, no limite do cognoscível é que se avista, a custo, a ideia do Bem; e, uma vez avistada, compreende-se que ela é para todos a causa de quanto há de justo e belo; que, no mundo visível, foi ela que criou a luz, da qual é senhora; e que, no mundo inteligível, é ela a senhora da verdade e da inteligência, e que é preciso vê-la para se ser sensato na vida particular e pública.

- Concordo também, até onde sou capaz de seguir a tua imagem. (PLATÃO, *República*, 517 a-c).

Nota-se que Platão afirma “que é preciso ver a ideia do Bem para se ser sensato na vida particular e pública”, para ver a ideia do Bem é preciso percorrer todo o processo que, na perspectiva de Platão, coloca-se como formativo. Ao desenvolver um currículo para o rei filósofo entende-se que Platão busca formar não somente o cidadão em particular, mas aquele que governe a cidade para o bem comum, com compromisso de levar todos os cidadãos a viverem sob a luminosidade do Bem.

Portanto, dentre as três imagens relativas ao problema do conhecimento, Sol, Linha e Caverna, por que escolher a da Linha Dividida? Muito pouco, ou quase nada se estuda sobre a Linha Dividida no Ensino Médio, pois o popular Mito ou Alegoria da Caverna está presente na maioria dos livros didáticos. Nos parece que compreender o processo de ascensão na Linha Dividida pode esclarecer aos estudantes, de forma clara e didática, que o conhecimento é um processo, que apresenta níveis de conhecimento e não é uma revelação. Essa imagem tem um caráter pedagógico forte, pois expressa que é possível se perceber as diferentes camadas do conhecimento, desde uma suposição e crença, permeada pelas opiniões, até a elaboração de argumentos capazes de demonstrar a realidade, permeada pela *episteme*. Esse processo leva o aluno a perceber como o processo escolar é gradual e que o conhecimento necessita de esforços e persistência.

CAPÍTULO 2: O MÉTODO DIALÉTICO DA *REPÚBLICA*

Nesse capítulo o objetivo concentra-se em compreender o método dialético no decorrer do diálogo *República*, de Platão, com a finalidade de construir um caminho para fazer com que os alunos do Ensino Médio, nas aulas de Filosofia, experimentem como a maiêutica e a forma dialética expõem os graus do conhecimento na Linha Dividida.

Para se compreender melhor como a questão de método também faz parte das investigações filosóficas, é preciso esclarecer a acepção de maiêutica, que aqui será compreendida como a arte de “dar à luz” ao conhecimento, ou seja, um método utilizado por Platão para descrever como Sócrates abordava seus interlocutores. Um método de perguntas e respostas que busca esclarecer os objetos pesquisados e que, frequentemente, expõe o pouco conhecimento dos interrogados. Assim, abordar a questão do conhecimento com o método maiêutico com os estudantes do ensino médio, é ao mesmo tempo propiciar a experiência do conhecimento e do método.

Certamente, pensando no contexto escolar, é importante começar pela maiêutica, como procedimento para perceber a inconsistência das opiniões do mundo sensível e conseqüentemente, reconhecer o não saber. Nesse sentido, pode-se associar a problemática encontrada no diálogo *República* com o diálogo *Mênon* de Platão. A cena é a da situação em que Sócrates interroga seu interlocutor Mênon, sobre a virtude. Após ter suas respostas refutadas por Sócrates, Mênon reconhece que não sabe, mesmo já tendo pronunciado vários discursos sobre esse assunto, observa-se:

- MEN. [...] Pois verdadeiramente eu, de minha parte, estou entorpecido, na alma e na boca, e não sei o que te responder. E, no entanto, sim, miríades de vezes, sobre a virtude, pronunciei numerosos discursos, para multidões, e muito bem, como pelo menos me parecia. Mas agora, nem sequer o que ela é, absolutamente, sei dizer. (PLATÃO, *Mênon*, 80a-b).

Após sucessivas respostas para o problema da virtude, todas elas baseadas na multiplicidade de virtudes percebidas no cotidiano e confirmadas pela opinião, e não naquilo que faz com que todas as virtudes sejam de fato virtudes, Mênon reconhece não saber mais o que é a virtude. A maiêutica funciona como uma estratégia de diálogo que faz pensar sobre o que sempre se tomou por certo e verdadeiro, isto é, coloca dúvidas sobre aquilo que se tinha certeza.

Desse modo, buscou-se desenvolver, na prática pedagógica proposta, um simulacro da atividade de Sócrates com a maiêutica a partir dos questionamentos “o que é conhecimento?” e “o que é opinião?”. No intuito de pensá-los de forma mais aprofundada, isto é,

conceitualmente, pois, geralmente as noções de “conhecimento” e “opinião” adquirem diversos significados nas ações do dia a dia, por vezes similares e contraditórias. É na imagem da Linha Dividida que é possível compreender como a investigação sobre os objetos se esclarece à medida que avança no entendimento sobre o ser do objeto. Assim, entende-se que a maiêutica expõe os dois primeiros níveis de conhecimento da Linha Dividida, ilusão e crença, como trabalho de purgar a alma das opiniões sensíveis, por isso, acredita-se que:

Se começarmos pelo método maiêutico, típico das conversas de Sócrates com seus interlocutores, teremos um exemplo simples de como uma conversa argumentada pode revelar não só um propósito coletivo, mas também estratégias argumentativas que por si sós são formativas. (FRANKLIN, 2016, p.20).

No exemplo do diálogo *Mênon*, na medida em que Sócrates ensina a Mênon como pensar para definir a virtude, Sócrates está utilizando uma estratégia formativa, que é ensinar a pensar de modo mais claro e consistente. Então, após o exercício maiêutico fixar os tipos de conhecimentos da realidade sensível, o método dialético se apresenta como o modo de pensar que apreende os objetos da realidade inteligível, isto é, as ideias.

Diante das imagens relativas ao problema do conhecimento, o Sol, a Linha Dividida e a Caverna, encontram-se importantes referências sobre o método dialético no Livro VII, quando Sócrates questiona Gláucôn: “referes-te ao trabalho preliminar, ou a qual? Ou não saberemos nós que tudo isto é o prelúdio da ária que temos de aprender? Certamente não vais supor que os peritos nestes assuntos são dialéticos. – Por Zeus que não, excepto um reduzido número que encontrei,” responde Sócrates. (PLATÃO, *República*, 531d-e). O “trabalho preliminar” seria a preparação nas ciências matemáticas e que, conforme diz nesse passo, trata-se do “prelúdio”, isto é, etapa inicial, para outro estudo, a dialética. Isso indica que, mesmo o raciocínio matemático sendo especialista em seu campo de atuação, não deve ser considerado como dialético.

Para adquirir a ciência da dialética, a que permite conhecer a realidade inteligível, é preciso passar por um longo processo que inicia com exercício nas ciências matemáticas. Ao se referir a esse processo, Platão utiliza uma expressão curiosa: “arrasta aos poucos os olhos da alma da espécie de lodo bárbaro em que está atolada e eleva-os às alturas.” (PLATÃO, *República*, 533 c-d), realizada a iniciação, o método dialético corresponde a segunda etapa, que tem a responsabilidade de redirecionar os olhos da alma, ou seja, suas faculdades cognitivas, para a busca da Verdade:

- O método da dialética é o único que procede, por meio da destruição das hipóteses, a caminho do autêntico princípio, a fim de tornar seguros os seus resultados, e que realmente arrasta aos poucos os olhos da alma da espécie de lodo

bárbaro em que está atolada e eleva-os às alturas, utilizando como auxiliares para ajudar a conduzi-los as artes que analisámos. (PLATÃO, *República*, 533c-d).

Dessa passagem também é importante ressaltar a afirmação “a fim de tornar seguros os seus resultados”, Platão se refere ao método dialético como único que possibilita o conhecimento seguro, garantido e estável. Além disso, é o método que vai “a caminho do autêntico princípio”, a ideia do Bem. Pode ser considerada a hipótese de que Platão busca iniciar o processo do conhecimento com o método maiêutico socrático apenas para elaborar a questão central, no entanto após estabelecida a questão o conhecimento dependerá do método dialético.

O método dialético corresponde a pesquisa que tem objetivos definidos e características próprias, como elucidado sobre a Linha Dividida, trata-se de um procedimento que age por meio da destruição das hipóteses e começa e termina em ideias, ou seja, um exercício de pura abstração da alma. Como abordar algo dessa natureza em sala de aula? É preciso construir um caminho que dê condições aos alunos de se iniciarem no pensar de forma autêntica e crítica, para compreenderem a si e o mundo a sua volta. Na construção desse caminho, Platão argumenta:

- Ora não é também da mesma maneira relativamente ao bem? Quem não for capaz de definir com palavras a ideia do bem, separando-a de todas as outras, e, como se estivesse numa batalha, exaurindo todas as refutações, esforçando-se por dar provas, não através do que parece, mas do que é, avançar através de todas estas objeções com um raciocínio infalível – não dirás que uma pessoa nestas condições não conhece o bem em si, nem qualquer outro bem, mas, se acaso toma contacto com alguma imagem, é pela opinião, e não pela ciência que agarra nela, e que a sua vida actual a passa a sonhar e a dormir, pois, antes de despertar dela aqui, primeiro descera ao Hades para lá cair num sono completo?

- Por Zeus, tudo isso eu sustentarei afincadamente. (PLATÃO, *República*, 534 b-c).

Ao mencionar “definir com palavras”, inicialmente indica a preocupação em dizer o que o objeto é em si, e não através de exemplos, e também pressupõe a necessidade de se expressar oralmente, isto é, estar apto para se comunicar. Quando afirma, “separando-a de todas as outras”, a necessidade de divisão dos problemas para melhor serem investigados. Consequentemente, agir “como se estivesse numa batalha”, indica a existência do diálogo que pode ser similar a uma batalha, situação em que cada um defende uma posição, logo é uma atividade que precisa do outro para atuar no processo de refinamento do raciocínio mental em esgotar as contradições para se “esforçar em dar provas”, ou seja, justificar, não basta dizer o que é, é preciso apresentar as argumentações que sustentam a definição, “através do que é e não do que parece”.

O diálogo com tais características é importante porque: “o diálogo se fixa em um tema de estudo não por interesse pelo problema dado, mas para torná-lo mais dialético em relação a

todos os assuntos possíveis, ou ainda para torná-lo mais hábil. O diálogo quer formar de preferência a informar” (GOLDSCHMIDT, 2002, p.3). Destaca-se a capacidade de formar pelo diálogo. Isto pode ser interessante no contexto da sala de aula, pois, conforme a passagem, o diálogo não envolve somente o tema a ser pesquisado, mas também um certo comportamento perante o outro. O próprio sentido etimológico da palavra dialética revela o diálogo:

Os bons dicionários mostram o sentido etimológico da palavra dialética que deriva do verbo *lego* que significa colher, recolher, escolher, enumerar, falar. *Dia* é uma partícula que indica dualidade, comum acordo. Assim, *dialektos* significa conversação, linguagem e *dialektikos*, debate, discussão. (PAVIANI, 2011, p.13).

A dialética se expressa no diálogo, como atividade de pesquisa que se faz com o outro. Apenas a dialética permite elucidar a unidade na multiplicidade, por isso, demonstra-se como o próprio exercício do filosofar em Platão. Sabe-se que a palavra dialética adquire diversos significados no decorrer da história da filosofia, mas circunscrevendo o sentido que adquire em Platão:

Dialética como método de divisão. Este foi o conceito de Platão. Para ele, a Dialética é a técnica da investigação conjunta, feita através da colaboração de duas ou mais pessoas, segundo o procedimento socrático de perguntar e responder. De fato, para Platão, a filosofia era tarefa individual e privada, mas obra de homens que "vivem juntamente" e "discutem com benevolência"; é a atividade própria de "uma comunidade da educação livre". (ABBAGNANO, 2007, p.269).

Para Platão a dialética não se trata de simples conversação, mas de pesquisa científica, o que pode envolver regras e que tem propósito, por isso, se apresenta como uma “técnica da investigação conjunta”, que envolve o perguntar e o responder no sentido socrático, como por exemplo o recorte apresentado sobre o diálogo *Ménon*. E mesmo Platão afirma que no diálogo deve-se agir: “como se estivesse numa batalha, exaurindo todas as refutações, esforçando-se por dar provas” (PLATÃO, *República*, 534 b-c). Assim, a filosofia se desenvolve perante esse processo realizado pelo comum acordo entre as pessoas. Dessa maneira, como dito anteriormente, o método dialético em Platão não se trata de simples conversação:

A dialética de Platão não é um método simples e linear, mas um conjunto de procedimentos, conhecimentos e comportamentos desenvolvidos sempre em relação a determinados problemas ou “conteúdos” filosóficos. O caráter processual da dialética platônica inclui, ao contrário do que alguns pensam, procedimentos lógicos-analíticos (PAVIANI, 2001, p.13).

Neste comentário destaca-se a referência a necessidade de determinados conhecimentos prévios necessários ao exercício dialético, que podem estar relacionados a questão da linguagem e do ato de comunicar, como também aos conhecimentos matemáticos,

bem como a organização lógica dos raciocínios, pois, ao contrário do que se pensa, a lógica precisa fazer parte do diálogo.

Assim, o método dialético em Platão é apropriado para revelar o conhecimento, fruto de um esforço para superar cada etapa desde a concepção de uma *doxa* (opinião) como algo que precisa de comprovação, até a *episteme* (conhecimento) situação na qual o interlocutor consegue, por meio de palavras, dar razões aquilo que está dizendo.

CAPÍTULO 3: UMA PRÁTICA DIALÉTICA EM SALA DE AULA

Este capítulo descreve a estruturada da proposta didática para trabalhar dialeticamente os níveis do conhecimento sob a perspectiva de Platão, que compreende três partes, elaboração de material didático, metodologia de trabalho com os estudantes e avaliação dos dados.

O objetivo é construir um caminho para trabalhar com a dialética platônica nos diferentes níveis do conhecimento apresentados por Platão na imagem da Linha Dividida. Para que os alunos percebam que o conhecimento é um processo de ascensão e que a dialética é um método, que através da *diairesis* (dialética como método de divisão), explicita o que se pode saber sobre os objetos.

Buscou-se investir na metodologia platônica por entendermos que o ensino de Filosofia precisa ser filosófico, a ideia principal é simular com os alunos na sala de aula o que Sócrates fazia com os meninos, para que os alunos acendam no conhecimento através da prática dialógica. Nesse sentido, estabelece-se uma comunidade de investigação na sala de aula por enxergar a necessidade de os alunos interagirem entre si na construção do conhecimento. Esse tipo de comunidade é, segundo Franklin (2016, p.73-74), “uma comunidade que se estimula mutuamente a usar a imaginação e a criatividade ao mesmo tempo que testa suas posições, seus modos de pensar, suas crenças e os princípios nos quais suas ideias estão baseadas.”

A comunidade de investigação pode propiciar aos alunos experimentar a forma dialética de pensar os diferentes níveis de conhecimento descritos por Platão na imagem da Linha Dividida já que estimula a imaginação e o pensar criativo em comunidade. Esses níveis de conhecimento são: ciência, entendimento, fé e suposição, conforme a passagem:

- Bastará pois – continuei eu – que, como anteriormente, chamemos ciência à primeira divisão, entendimento à segunda, fé à terceira, e suposição à quarta, e opinião às duas últimas, inteligência às duas primeiras, sendo a opinião relativa à mutabilidade, e a inteligência à essência. (PLATÃO, *República* 533e-534a).

Todavia, quando se pensa em transpor isso para sala de aula, supõe-se que esses termos, ciência, entendimento, fé e suposição, possam dificultar a assimilação por parte dos alunos, pois vivenciamos diariamente as dificuldades destes na leitura, escrita e interpretação. Por isso, optou-se em se referir aos níveis do conhecimento por ilusão, crença, conhecimento e sabedoria correspondendo a níveis crescentes de realidade e verdade, da ilusão/suposição à crença/fé, ao conhecimento/entendimento e, finalmente, à sabedoria/ciência. Entende-se que

os termos escolhidos para trabalhar com os alunos podem convergir para o mesmo sentido do que Platão propôs na *República*, sem perder de vista o sentido original apresentado pelo referido filósofo.

A prática filosófica proposta está alicerçada no que Platão entende por Filosofia, expressa nas palavras de Chauí (2010, p.26), “Platão definia a filosofia como um saber verdadeiro que deve ser usado em benefício dos seres humanos para que vivam numa sociedade justa e feliz.” Assim como Platão, também enxergamos a Filosofia como um saber verdadeiro que, ao ser buscado, proporciona grandes chances dos alunos se tornarem cidadãos mais preocupados em pensar criteriosamente a sociedade em que vivem em busca de construir uma vida justa e feliz. Por isso, a Filosofia é uma atividade do pensamento:

Então, podemos considerar que a filosofia é uma atividade? Sim, uma atividade do pensamento que pode ser prazerosa para os alunos e para o professor, pois a prática do filosofar pode cotejar os melhores caminhos para o desenvolvimento dos processos cognitivos dentro e fora de sala da aula. (FRANKLIN, 2016, p.20-21).

É na sala de aula que os alunos do Ensino Médio têm mais contato com a Filosofia, que podem aprender a filosofar e desenvolver seus processos cognitivos que serão úteis dentro e fora da sala de aula. Por isso, a reflexão sobre a prática cotidiana, principalmente a abordagem dos conteúdos para aquisição de habilidades e competências, precisa ser constante para que o resultado seja uma aula significativa tanto para os alunos quanto para o professor.

Além disso, as aulas de Filosofia no Ensino Médio podem servir de instrumento para os alunos estabelecerem uma reflexão crítica sobre si, o que nos dias atuais parece estar cada vez mais distante, pois eles consomem muita informação pronta da *internet*, o que pode dilacerar suas subjetividades. Essa compreensão sobre a Filosofia é a luz que nos guia para mediar a aprendizagem entre os alunos e o saber filosófico.

Ou seja, o que se compreende por Filosofia está diretamente relacionado à forma como se conduz a presente proposta de ensino de Filosofia e, inclusive Cerletti (2009, p.17), diz que “o que se considera ser filosofia deveria ter algum tipo de correlação com a forma de ensiná-la.” Consequentemente, continua Cerletti (2009, p.17-18), “[...] ensinar, por exemplo, Descartes “cartesianamente”, “hegelianamente” a Hegel, “nietzschianamente” a Nietzsche ou “analiticamente” a Davidson.” Cerletti defende a necessidade de se estabelecer uma concepção de filosofia subjacente que deve nortear “o quê” e o “como” ensinar filosofia, de modo que a “didática filosófica” elaborada corresponda a essa concepção de filosofia e do “filosofar”. Certamente, trata-se de um dos caminhos para ensinar Filosofia, pois sabe-se que não há receitas prontas, mas é preciso, conforme Rodrigo (2009, p.11) “adotar procedimentos

didáticos que sejam especificamente filosóficos.” Por isso, como exposto anteriormente, buscou-se investir na metodologia platônica.

Entretanto, sabe-se que, “o que ocorre é que o ensino ainda está centrado na transmissão de conhecimentos e informações, não na aquisição de habilidades e competências” (FRANKLIN, 20016, p.28). É perceptível que o ensino centrado apenas na transmissão de conteúdos, no contexto escolar do Ensino Médio, parece ineficiente, pois, ao comparar quando os alunos estão envolvidos com a aula, e não somente ouvindo e vendo o professor, é mais interessante. Em vista disso, considera-se que o ensino de filosofia contribui para o desenvolvimento de habilidades importantes no contexto escolar e fora dele:

Mas não há dúvida de que o ensino de filosofia contribui, sempre nos limites de sua competência, desenvolver o espírito crítico, a capacidade de argumentação no debate de ideias, a busca de uma verdade universalizável, portanto, partilhável, o gosto pelo consenso sobre uma base racional e não passional. (RODRIGO, 2009, p.21).

As habilidades mencionadas permitem ao aluno o agir em sociedade de forma consciente e humana e, “mesmo que a filosofia não transforme o mundo, se se entende por transformar uma intervenção ativa e direta no curso dos acontecimentos, ela transforma os seres humanos que, pela compreensão da realidade, podem mudar o rumo da história.” (PERINE, 2007, p.111 Apud FRANKLIN, 2016, p.35).

3.1. Opinião e conhecimento: a tradução do texto

Em sala de aula, frequentemente nos deparamos com as dificuldades dos alunos relacionadas aos níveis insuficientes de leitura, escrita e interpretação. Para que essas dificuldades não se tornem um empecilho no desenvolvimento da prática pedagógica proposta e visando oferecer condições de compreensão, é imprescindível que haja a tradução do texto de Platão em linguagem mais acessível aos alunos, pois eles não assimilam facilmente traduções de textos filosóficos sem uma mediação.

Obviamente compreende-se que traduzir não é simplesmente a substituição de palavras, mais do que isso, trata-se de um exercício de interpretação, esse é o entendimento de Gadamer (1997, p.498) ao afirmar que “toda tradução já é interpretação”. Nesse sentido, a partir da compreensão do texto de Platão, especialmente o trecho em que descreve a imagem da Linha Dividida, buscou-se encontrar uma maneira para fazer com que os alunos tenham acesso ao conhecimento filosófico por meio de uma linguagem que não reduza o pensamento do autor e que se aproxime do universo de significados que os alunos compreendem no momento.

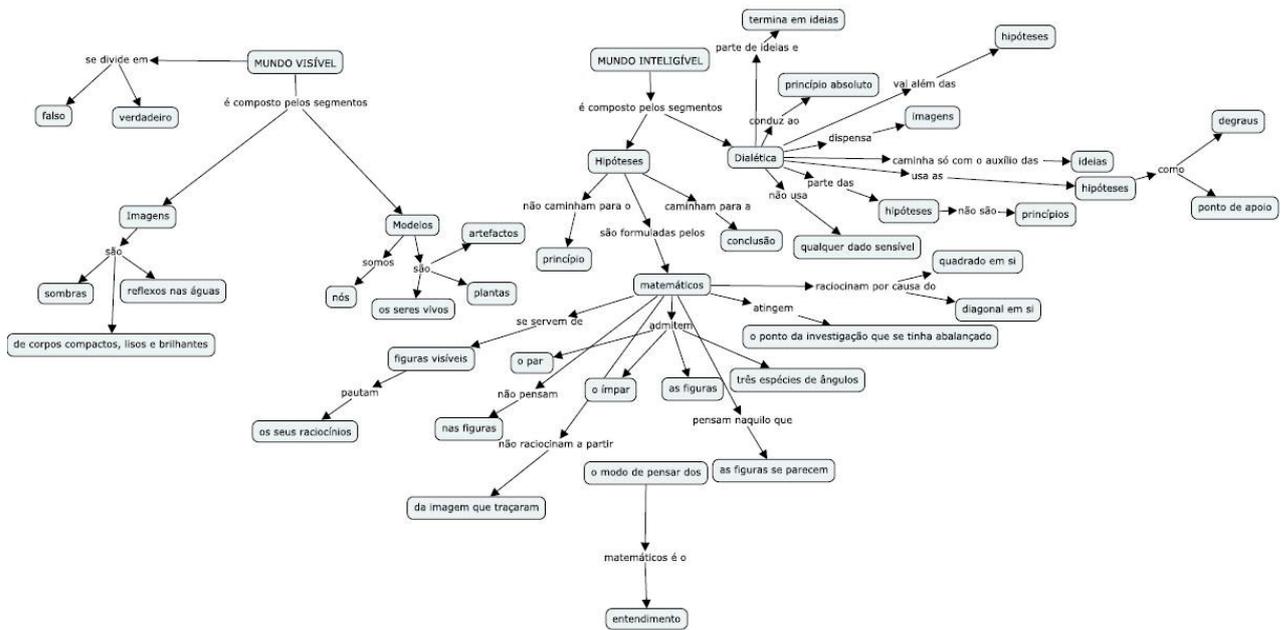
De acordo com Franklin (2016, p.35), “traduzir uma linguagem abstrata para uma linguagem acessível não significa perder conteúdo, mas dar condições de compreensão de significados, dar condições ao diálogo.” Em vista disso, o recorte selecionado para a tradução é o trecho da imagem da Linha Dividida, expresso no Livro VI do diálogo *República* e tem o objetivo de elucidar a diferença entre “opinião” e “conhecimento.” O título da nossa tradução é “Opinião e conhecimento”, pois deve ficar claro que não é o mesmo texto de Platão, porém um texto mais acessível para os alunos. Esse é o propósito de uma reescrita do texto filosófico para o Ensino Médio, pois ao apresentar-lhes uma reescrita acessível a seu nível de leitura e compreensão potencializa-se o processo ascendente de aprendizagem.

Segundo Rodrigo (2009, p.13), “para colocar o saber filosófico ao alcance dos não iniciados, será inevitável traduzir em termos simples o arsenal conceitual e os problemas filosóficos visando facilitar sua compreensão.” Isto nos conduz a pensar sobre a importância da boa formação de professores, pois, havendo a compreensão coerente dos problemas filosóficos é possível fazer a tradução em linguagem acessível sem perder de vista o significado dos problemas.

Ao propor uma tradução da tradução do texto filosófico observa-se a inclinação a banalização, ou seja, associar o saber filosófico a algo trivial. Contudo, é essencial refletir sobre o conhecimento sob a perspectiva de Platão e apresentá-lo no referencial teórico, que serve de apoio para o desenvolvimento da mediação. Logo, a banalização pode acontecer quando não se tem a compreensão adequada dos problemas filosóficos. Além disso, conforme Rodrigo (2009, p.14-15), “devemos nos envergonhar de traduzir em termos simples, [...], os grandes problemas filosóficos da vida? Devemos nos envergonhar de oferecer aos alunos o arsenal dos filósofos para discuti-los e elaborar estratégias de resolução de modo criativo, livre?” Não, certamente. Mas isto não é tarefa fácil.

Ao refletir sobre o Mito da Caverna, o prisioneiro que consegue se libertar das amarras da “opinião” (*doxa*), e contempla o conhecimento (*episteme*), precisa retornar à caverna para ensinar aqueles que ficaram a também se libertar e aprender. De modo semelhante é o que se buscou realizar em sala de aula com os alunos. A elaboração da nossa tradução teve início com o estudo do texto de Platão, visando à compreensão dos conceitos básicos. Estudo composto de leituras, discussões e criação de mapas conceituais, como apresentado na Figura 6:

FIGURA 6 - MAPA CONCEITUAL DO TEXTO FILOSÓFICO



FONTE: a autora (2024)

Com a “posse” desse conhecimento filosófico e considerando as dificuldades de compreensão dos alunos, foi construído o texto “Opinião e conhecimento”, no qual a verificação da adequação ao atingimento do nosso objetivo de compreensão da Linha Dividida seria revelado depois de trabalhado com os alunos. O texto está exposto na descrição da metodologia de trabalho com os alunos, na sequência.

3.1.1 Metodologia de trabalho com os alunos

Nessa seção está descrito o plano de ação realizado com uma turma da primeira série do Novo Ensino Médio da Escola de Educação Básica Paulo Cordeiro, situada no município de Rio do Sul/SC, por um período de cinco dias, totalizando 10 aulas distribuídas entre os meses de Outubro a Novembro de 2023.

A ideia é fazer com que em cada aula os alunos vivenciem na prática os níveis de conhecimento (ilusão, crença, conhecimento, sabedoria), apresentados por Platão na imagem da Linha Dividida para que compreendam como o conhecimento se processa. A teoria das ideias de Platão expressa toda a importância e esforço que o filósofo faz para elaborar seu projeto educacional, que culmina com o rei filósofo. Assim, justifica-se o uso da imagem da Linha para que os alunos compreendam o processo do conhecimento em Platão de forma acessível e didática.

O plano de ação consiste em uma sequência didática composta por quatro momentos integrados entre si. O primeiro momento é o diagnóstico e a sensibilização. O diagnóstico pode ser entendido como um instrumento pelo qual o professor tem acesso ao conhecimento prévio que os alunos têm sobre determinado assunto e que pode orientar o percurso das atividades a serem desenvolvidas bem como ser um elemento norteador para a avaliação. É importante diagnosticar o que os alunos entendem por “opinião” e “conhecimento”, através de um exercício por escrito em que eles podem escrever frases ou palavras-chave em forma de tópicos. Na sequência a sensibilização, como o próprio nome diz, tem o objetivo de sensibilizar, isto é, tornar os alunos receptivos a proposta. Entende-se que a sensibilização seja:

A sensibilização do aluno para a filosofia, a possibilidade de que ele se torne receptivo a ela, não é tarefa fácil, mas também não é algo impossível. Parece que o desafio, inicialmente, mais importante consiste em descobrir orifícios, aberturas, enfim, algum canal de acesso para que os não-iniciados ingressem no campo filosófico. (RODRIGO, 2009, p.38).

A sensibilização é o momento de agir conforme o método socrático, especialmente a ironia, para colocar os problemas a serem investigados: o que é opinião? O que é conhecimento? Nesse momento começasse a desconstruir as noções comuns sobre “opinião” e “conhecimento” através do experimento sobre os sentidos, que consiste em observar e descrever imagens de ilusão de ótica, que geralmente despertam a atenção dos alunos, e discutir exemplos do próprio livro didático.

Feito o diagnóstico, as imagens são projetadas e os alunos anotam no caderno o que veem, inicialmente em silêncio, em seguida na socialização das respostas, a intenção é já começar a associar a confusão e dúvida sobre as imagens a opinião e esta aos sentidos do corpo, por isso, as respostas diferentes, porque sentimos diferente um dos outros. Na sequência se reforça a discussão com os exemplos do livro didático, primeiro mostrasse a caneta intacta e como ela aparece distorcida dentro do copo com água, por que isso acontece? Podemos confiar em tudo que vemos? O próprio Platão já explicava esse fenômeno: “e os mesmos objectos parecem tortos ou direitos, para quem os observa na água ou fora dela, côncavos ou convexos, devido a ilusão de óptica proveniente das cores, e é evidente que aqui há toda a espécie de confusão na nossa alma.” (PLATÃO, *República*, 602 c-d). Feito o experimento, lê-se sobre essa imagem no livro didático e sobre processos do conhecimento.

O segundo momento da sequência didática consiste na confecção da imagem Linha Dividida através da leitura e discussão do texto “Opinião e conhecimento”, nossa tradução do trecho da *República* em linguagem mais acessível aos alunos. Com o desenho da Linha

Dividida finalizado pelos estudantes, é imprescindível que se faça uma aula expositiva dialogada, para demonstrar no desenho os níveis ilusão e crença, do âmbito da opinião, trabalhados na sensibilização. Também é o momento de verificar em que medida os alunos compreenderam o texto e o reflexo disso no desenho.

O terceiro momento da sequência didática consiste nas atividades em torno do pensar a importância do conhecimento matemático, em alusão ao primeiro nível de conhecimento inteligível descrito na imagem da Linha Dividida, a saber, as Ciências Matemáticas. Com os alunos organizados em grupos, a primeira atividade é a discussão sobre a importância do saber matemático nas atividades diárias. Para que o diálogo se torne mais agradável é superinteressante que os alunos ocupem as áreas mais abertas da escola, parquinho e pátio, tanto para aliviar o calor quanto para potencializar a discussão. Os alunos devem organizar o que é discutido pelo grupo em uma produção textual para socializar com a turma. Para reforçar a perspectiva do olhar matemático do filósofo indica-se a exibição de dois vídeos: o primeiro é o trecho do vídeo “Donald no país da matemática”, já o segundo é a recordação de um trabalho de leitura e interpretação previamente realizado com a turma, sobre Pitágoras de Samos¹.

O quarto momento da sequência didática diz respeito as atividades em torno da dialética platônica, último nível de conhecimento descrito na imagem da Linha Dividida. Nesse sentido, a atividade consiste numa roda de conversa sobre a dialética a partir da leitura de exemplos que o próprio Platão apresenta na *República*, buscando evidenciar os níveis de conhecimento e incentivando os alunos na elaboração de suas próprias argumentações e ilustrações sobre o processo do conhecimento. Para isso indica-se utilizar o exemplo da forma da cama no Livro X para mostrar que é a ideia que dá forma às coisas e para entender o tipo de pergunta que a filosofia faz, pois, como Platão apresenta, existe a cama que o marceneiro executou e existe a do pintor. Então, como saberíamos o que é uma cama sem a ideia de cama? O marceneiro pode fazer muitos modelos diferentes de cama, mas a ideia de cama perpassa a variedade desses artefatos, pois, segundo Platão existe a cama real: “ora Deus, ou porque não quis, ou porque era necessário que ele fabricasse mais do que uma cama natural, confeccionou assim aquela única cama, a cama real. Mas duas camas desse tipo, ou mais, é coisa que Deus não criou nem criará.” (PLATÃO, *República*, 597c). O marceneiro realiza uma cópia da ideia e o pintor realiza a cópia de cópia. Se você só visse o quadro como saberia

¹ Trabalho - Pitágoras de Samos / Filosofia • eebpc. Link para acesso: <https://www.youtube.com/watch?v=54v2rAr5eDg>

que era uma cama? A cama pintada não dá para dormir, a ideia também não. A partir dessa discussão, os alunos podem elaborar exemplos do cotidiano e fazer a correspondência com o exemplo de Platão. A seguir descreve-se como aconteceu na prática.

3.1.2 Sensibilizar para as questões filosóficas

Inicialmente comuniquei aos alunos que estaria realizando com eles uma sequência de atividades que fazem parte de uma pesquisa para uma dissertação de mestrado em Filosofia e que, por isso, em alguns momentos registraria o andamento das atividades. Após isso, como diagnóstico, solicitei que individualmente escrevessem em folha separada para entregar o que eles entendiam por “opinião” e “conhecimento”. Feito isso partimos para a sensibilização de fato, pedi para que eles se organizassem em círculo, pois faríamos um experimento sobre os sentidos a partir de algumas imagens (Fig. 7) e que eles precisariam anotar, sem dizer a ninguém o que viam. Expliquei que após a exibição das imagens conversaríamos sobre elas, como era de se esperar, não ficaram totalmente em silêncio. Enquanto as imagens eram projetadas, percebi que esse tipo de material prende a atenção dos alunos e os deixa agitados. Após passar todas as imagens e eles terem anotado o que viram, socializamos o que escreveram, nesse momento, alguns chegaram a se levantar para ir até a imagem para explicar aos colegas que não tinham visto o mesmo que eles. Foi interessante vê-los se esforçando para enxergar o mesmo em todas as imagens, cada um no seu tempo e, sempre que conseguiam, com espanto, diziam, “ah, agora eu vi, nossa!” Uns diziam, “é um pato?” Com certeza é uma ave, já outros viam primeiro um coelho, estes diziam, “olha, o bico da ave são as orelhas do coelho.” E eu aproveitava para questioná-los, como pode ser pato e coelho ao mesmo tempo? Na verdade, não são, mas parecem na imagem, ou seja, parecer e ser são diferentes. Situações assim aconteceram em todas as imagens.

FIGURA 7 - IMAGENS DE DUPLO SIGNIFICADO APLICADAS



FONTE: google imagens (2024)

Nessa socialização questionei a turma sobre os motivos da confusão na identificação do que estava sendo representado nas imagens. Não chegaram a correlacionar com a imprecisão dos sentidos, mas o trabalho continuou para que eles comesçassem a se dar conta disso. Na sequência, fizemos o experimento do lápis imerso na água, no intuito de demonstrar que sabemos que ele não está quebrado, mas o que vemos é diferente. Escrevi no quadro, “sei que não está quebrado, mas, vejo-o quebrado.” Com o destaque nas palavras “sei” e “vejo”, começaram a se dar conta de que os sentidos nem sempre nos oferecem algo seguro, por isso, a multiplicidade de respostas ao observar as imagens de ilusão de ótica. Complementei a experiência com a leitura da imagem do livro didático:

FIGURA 1 - LÁPIS EM UM COPO COM ÁGUA IMAGEM E EXPLANÇÃO



À primeira vista, o lápis parcialmente imerso na água parece quebrado – porém, o vemos novamente íntegro quando o retiramos da água. Isso decorre de características próprias do meio líquido, em um fenômeno óptico conhecido como refração. Experiências como essa nos levam a duvidar da precisão dos nossos sentidos para a obtenção de conhecimento verdadeiro.

Fonte: CHAUI, 2016, p.105.

Também usei o exemplo do vento no diálogo entre Sócrates e Teeteto: “Sócrates [...] por vezes não acontece, sob a ação do mesmo vento, um de nós sentir frio e o outro não? Um de leve, e o outro intensamente? Teeteto – Exato. Sócrates – Nesse caso, como diremos que

seja o vento em si mesmo: frio ou não frio?” (PLATÃO, *Teeteto*, 152 a-b), sabemos que a discussão vai além disso no *Teeteto*, porém, usei somente até onde precisava com os alunos, que era discutir sobre a imprecisão do que os sentidos fornecem.

O intuito das imagens e do experimento é materializar as diferenças entre o saber enquanto *doxa* (opinião) e já “preparar o terreno” para o saber enquanto *episteme* (conhecimento), a partir da leitura do exemplo a baixo:

Quando vamos comprar legumes, entramos em contato com suas características sensíveis; com isso, percebemos se está verde ou maduro; pela disponibilidade, pela qualidade e pelo preço do legume, podemos imaginar se é época de safra e se esta foi boa ou ruim; a partir daí, podemos pensar nas consequências disso para o produtor daquele legume. Assim, em uma simples ação do dia a dia, desempenhamos diferentes modalidades de atividade racional. (CHAUÍ, 2016, p.90).

Dessa leitura, aproveitei para destacar o conceito de “sensível”, para quando estivéssemos no momento de desenho da Linha Dividida não estranharem o título da primeira divisão. E continuamos a explorar o exemplo da seguinte maneira, sugeri aos alunos que pensassem em quando vamos à feira e compramos uma maçã, como escolhemos? Pelo preço? Pela cor? Se for pela cor vermelha, então, o que é vermelho? Certamente o agricultor que trabalha no cultivo dessa fruta vê pelo menos cinco cores diferentes, o que ele tem que nós não temos? Nesse sentido, expliquei para eles que a todo tempo estamos executando um determinado processo de conhecimento em nosso cotidiano e que muitas vezes fazemos isso e nem percebemos.

3.1.3. Leitura do texto: “Opinião e conhecimento”

Nessa seção o objetivo concentra-se em demonstrar como aconteceu na prática a leitura e discussão do texto “Opinião e conhecimento” traduzido a partir do trecho da Linha Dividida para uma linguagem mais acessível aos alunos do Ensino Médio e a elaboração do desenho da Linha Dividida.

Com os alunos organizados em círculo, começamos a leitura do texto, expliquei que haveria um momento em que eles precisariam fazer um desenho conforme as orientações do texto, que podiam se ajudar na interpretação do material e que no final iríamos socializar os desenhos e eu iria explicar do que se tratava. Segue-se ao texto.

Há muito tempo um filósofo da antiga Grécia chamado Platão ficou em dúvida diante de algumas coisas que viu, na verdade, ele percebeu que os cinco sentidos do nosso corpo (visão, audição, tato, paladar e olfato) podem nos oferecer informações insuficientes sobre as coisas. Ele chamou essas informações insuficientes de “opinião”.

Vamos pensar! Quando vimos as imagens e sombras projetadas ficamos em dúvida para dizer do que realmente eram, certo? Logo, não tínhamos a informação completa, será que tivemos uma “opinião” ao olhar para as sombras e imagens? As opiniões são vagas, isto é, não dizem tudo sobre as coisas, por isso, o filósofo fala em “conhecimento”, e que este ocorre por meio de um processo, e é o oposto da opinião.

Mas o que seria mesmo “opinião”? E como assim o conhecimento acontece por meio de um processo? Questionamentos como esses já foram narrados a muito tempo pelo filósofo Platão em seu livro, em forma de diálogo chamado *República*. Através de uma conversa entre Sócrates e Gláucon, que estão conversando sobre a diferença entre “opinião” e “conhecimento”, discutem e concordam que as pessoas, muitas vezes, falam sobre coisas que não conhecem e outras falam coisas verdadeiras sem saber a origem das informações.

O problema de Sócrates é explicar a Gláucon como é possível chegar ao conhecimento partindo de uma simples informação dos sentidos. O caminho é longo, pois deve buscar resposta sobre a relação entre o saber e a verdade.

Agora, vamos aprender junto com ele! Pegue uma folha de papel, lápis e borracha para desenhar conforme as orientações do Sócrates.

Sócrates inicia seu relato dessa maneira:

Gláucon desenha uma grande linha horizontal em uma folha. Agora faça um breve corte no meio da linha. Isso resultará em uma linha dividida em duas partes. Como título da primeira parte, escreva “visível” e como título da segunda parte, escreva “inteligível”.

Agora vamos cortar a nossa linha mais uma vez em cada parte. Assim teremos uma linha dividida em quatro partes, certo? Vamos dar os subtítulos a cada parte dessa Linha. Na primeira parte, com o título visível, escreva “imagens”, na segunda parte, “modelos”. Agora nas duas partes restantes, com o título inteligível, escreva, “ciências matemáticas” e na última, “dialética”. Pronto, cada parte da nossa linha já tem um subtítulo específico.

Vamos finalizá-la acrescentando as características das quatro partes da Linha Dividida. Na primeira parte, a das imagens, acrescente “sombras” e “reflexos”, na dos modelos, “seres vivos”, “plantas” e “produtos”, na penúltima, “hipóteses/conclusão”, na última, “ideias/ideias”.

Sócrates, acho que entendi, mas posso não ter entendido direito. O que significam mesmo as duas primeiras partes da linha?

As duas primeiras partes da linha é o que chamamos de mundo visível/sensível, que é composto pelas imagens que sempre vemos e os objetos concretos que são os modelos dessas imagens – responde Sócrates.

E as outras duas partes da linha? – pergunta Gláucon.

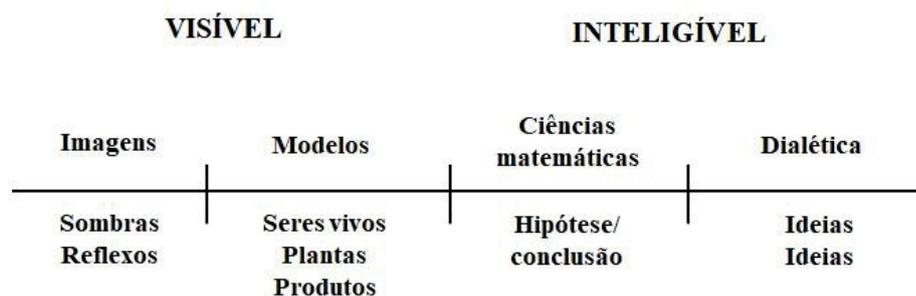
Essas partes chamamos de mundo inteligível, que é dividido entre os pensamentos ligados aos objetos concretos, ou seja, aquilo que pensamos sobre as coisas, e a outra parte é o próprio conhecimento, que só podemos chegar quando usamos exclusivamente nosso raciocínio, ou seja, quando não precisamos mais de exemplos para compreender.

Vamos ver como ficou o nosso desenho, se ficou parecido com esse aqui. Agora você pode comparar os desenhos e também fazer mais uma leitura do texto como exercício de fixação.

Mesmo se tratando de uma tradução em linguagem mais acessível ao público do Ensino Médio, percebi as dificuldades em fazer entender o texto, por isso, foi uma atividade realizada em comunidade, como estávamos em círculo, foi mais fácil para eles dialogarem entre si sobre como alinhar o desenho conforme o texto. Ciente de que Platão diz nesse trecho para fazer uma divisão desigual: “supõe então uma linha cortada em duas partes desiguais; corta novamente cada um dos segmentos segundo a mesma proporção.” (PLATÃO, *República*, 509d), mas que na tradução dizemos para fazer um “breve corte no meio da linha”, o que dá a entender que seja igual, por imaginar que seria melhor para os alunos organizarem o espaço do desenho da Linha para inserir todas as informações que viriam na sequência.

Parece-nos que Platão não deixa claro qual lado da Linha Dividida seria a menor ou maior, entretanto, supomos que a divisão maior seja a que corresponde ao mundo inteligível, por representar a etapa da formação do filósofo governante, por isso mais longa e demorada. Então, mesmo que a nossa tradução dê a entender que a divisão seja igual, a explicação sobre o mundo inteligível foi conduzida para pensarmos o conhecimento como processo ascendente, o oposto do imediatismo da opinião. Quando eles finalizaram os desenhos projetei essa imagem apresentada na Figura 9:

FIGURA 9 - MODELO DA LINHA DIVIDIDA APRESENTADA AOS ALUNOS



Fonte: a autora (2024)

Nesse momento da leitura buscamos evidenciar o método maiêutico, que busca levar o aluno num primeiro momento a concluir que seu saber é insuficiente, seguido de intensa investigação filosófica comprometida com a verdade, pois, ao buscar compreender a relação entre as imagens e o texto proposto, os alunos compreendem na prática o que a imagem da Linha Dividida demonstra. Com o desenho projetado expliquei que se tratava da imagem de como o filósofo Platão entendia o conhecimento, cada parte da Linha Dividida representa um nível, ilusão, crença, conhecimento e sabedoria.

Essa forma metodológica de proceder, fora da configuração tradicional da sala de aula, busca estabelecer uma comunidade investigativa, junto aos alunos. Através da experimentação do método maiêutico, que inicia a sessão e depois com a leitura do texto, buscamos evidenciar os graus de conhecimento ascendente na imagem da Linha Dividida na prática, bem como sua correlação com os graus de aprendizagem cotidiana.

Além disso, tentar demonstrar que, segundo Franklin (2016, p.27), “sempre que queremos chegar a algum lugar, devemos compreender que também queremos seu percurso; não há teletransporte, temos de percorrer todo o caminho.” O modo de proceder na leitura do texto é favorável as discussões, pois os alunos são incentivados e discutir e resolver as questões oralmente, uma forma de pré-elaborar seu discurso posterior, na escrita.

3.1.4 A filosofia fora da sala: o pensar a importância do conhecimento matemático

Esta seção descreve o passo a passo das atividades desenvolvidas em torno do primeiro nível de conhecimento inteligível apresentado na imagem da Linha Dividida: as Ciências Matemáticas.

Retomei com os alunos o conteúdo trabalhado nas aulas anteriores, relembramos todo o início, a atividade diagnóstica, as imagens de ilusão de ótica, o experimento do lápis imerso

na água, o desenho da Linha Dividida, para trabalharmos mais um nível de conhecimento, diferente da opinião (*doxa*).

Para o primeiro tempo da aula, solicitei aos alunos que formassem grupos de até três pessoas para discutir o tema “a importância do conhecimento matemático”, sugeri que eles poderiam começar pensando nas ações do cotidiano em que utilizamos a matemática e ir ampliando o raciocínio até outras situações mais gerais. Em seguida, cada grupo escreveu e intitulou um resumo do que foi discutido pelo grupo. Nessa atividade os alunos ocuparam outras áreas da escola, como o parquinho e o pátio, ambientes mais sugestivos ao debate. Um grupo decidiu ficar na sala de aula. Enquanto os alunos estavam em ambientes diferentes, eu passava constantemente em cada grupo para acompanhar o desenvolvimento da atividade.

No segundo tempo da aula fizemos a socialização dos textos e discutimos um pouco sobre a temática. Por fim, assistimos um trecho do vídeo “Donald no país da matemática”, que retrata o desenvolvimento da visão matemática pelos pitagóricos da Grécia Antiga e, inclusive a importância da matemática na música, a maioria dos estudantes ficaram surpresos em saber que existe matemática na música, que as notas musicais são razões matemáticas. Também recordamos as aulas sobre Pitágoras de Samos, filósofo que entendia as ciências matemáticas como instrumento para conhecer a realidade. Assistimos novamente ao vídeo elaborado por um grupo da turma sobre Pitágoras, está disponível na internet, o *link* para acesso já foi disponibilizado anteriormente. Os alunos também lembraram que, até onde sabemos, a origem da palavra Filosofia está associada a Pitágoras.

3.1.5 Problemas de percurso

O quarto momento da sequência didática diz respeito as atividades em torno da dialética platônica, último nível de conhecimento descrito na imagem da Linha Dividida, todavia, as atividades descritas no plano de ação não foram realizadas pelos alunos devido a tragédia climática que acometeu a cidade de Rio do Sul/SC e região, entre os meses de outubro e novembro de 2023².

Rio do Sul está localizada na chamada região do Alto Vale do Itajaí no Estado de Santa Catarina, cidade construída as margens do rio Itajaí-Açu e com um histórico de enchentes devastadoras. No período citado, Rio do Sul foi fortemente atingida por duas

² Reportagem “Rio do Sul confirma maior enchente da história”, acessada em 25 de janeiro de 2024, disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2023/11/18/rio-do-sul-confirma-2a-maior-enchente-da-historia.html>

enchentes em um curto período de tempo, o que mudou totalmente o ritmo de trabalho nas escolas que foram atingidas direta ou indiretamente pelas cheias.

Existia a previsão de grandes volumes de chuvas para o mês de outubro de 2023, nesse contexto, os órgãos oficiais emitiram alertas constantes sobre a cota de inundação gradual para que a população se “preparasse” para o que estava por vir. Ao circular pela cidade, o que se via eram estabelecimentos sendo esvaziados pelos funcionários e proprietários, móveis sendo erguidos, filas nos supermercados e muitos carros com mudanças das pessoas que residiam em locais de risco, as regiões mais baixas.

Veio a primeira onda. O caos se instala sobre a cidade. Queda de barreiras, pistas interditadas, muitas áreas alagadas, pessoas em abrigos, tantas outras, ilhadas. Já começa a faltar alguns mantimentos nos supermercados, serviços suspensos, falta de energia elétrica, muitos sem poder se comunicar. As pessoas que não conseguiam contato com seus familiares ligavam para as emissoras de rádio na busca por informações de seus parentes. Outros ligavam para pedir ajuda, pois não conseguiram sair a tempo de suas casas, ouvia-se de tudo, pedido de remédios, ração para os animais, água potável, fraldas, materiais/alimentos para abastecer os abrigos e etc. Vagarosamente a água foi baixando e a dimensão dos estragos foi ficando visível, além de muita lama para limpar.

Em novembro de 2023 ocorreu a segunda onda, pior do que a primeira, pois, basicamente inexistia a previsão de volumes consideráveis e muito menos alertas para a população. Na sexta (17), o dia parecia normal com as pessoas a desempenhar as suas atividades, entretanto, devido as fortes chuvas, muitas pessoas tiveram dificuldades em voltar para casa por conta dos alagamentos, bem como não houve tempo suficiente para erguer móveis ou retirar o que se conseguia. Nessa enchente muitas pessoas perderam tudo e ficou conhecida como a segunda maior enchente da história do município, o nível do rio Itajaí-Açu atingiu a marca de 13 metros no sábado (18), o que provocou muita destruição na cidade. Importante ressaltar que não fui diretamente afetada pelas enchentes e nem tive perdas materiais, estava em local seguro nas duas enchentes.

Diante dessa situação o que encontrei nas escolas em que trabalhei? Em 2023 a minha jornada de trabalho era de 27 aulas distribuídas em quatro escolas, três foram muito atingidas pelas cheias, são elas, EEB Prof. Henrique da Silva Fontes, EEB Paulo Cordeiro e CEJA (Centro de educação de jovens e adultos). Nesse contexto das enchentes considero que a carga de trabalho do professor aumentou bastante, pois teve todo um trabalho antes, durante e depois. Antes das cheias trabalhamos erguendo caixas com documentos, materiais escolares,

móveis, enfim tudo o que precisava ser movido dentro das escolas, inclusive em algumas escolas com a ajuda dos alunos.

Durante as cheias, sem acesso as escolas, foi preciso preparar e encaminhar atividades para os alunos nos grupos de *Whatsapp* das turmas, muitos deles não conseguiram fazer porque estavam sem acesso à *internet* nos abrigos. Quando as águas baixaram e pudemos ir até as escolas, o cenário que encontramos foi desolador, lama por toda a parte, perda total dos armários das salas de aulas bem como todo o material guardado, muitas carteiras e mesas sem possibilidade de uso, portas inutilizáveis, inclusive salas de aulas interditadas.

Foi feito o mutirão de limpeza por nós professores, íamos às escolas conforme conseguíamos, pois muitos também foram atingidos pelas cheias e precisavam dar prioridade para a organização de suas casas, outros ficaram ilhados e não conseguiam chegar. Os materiais necessários para a realização da limpeza, botas, luvas, vassouras e rodos, adquirimos com recursos próprios. Nessa situação as minhas atividades foram revezadas entre dar aula na escola não atingida pelas enchentes, ajudar na limpeza das escolas que foram atingidas, preparar e encaminhar atividades. Foi um período extremamente exaustivo.

As escolas diretamente afetadas pelas enchentes retornaram as atividades presenciais, não com todos os alunos, na primeira semana de dezembro, penúltima semana de aulas. Devido às enchentes de Outubro e Novembro ocorreu a interrupção das aulas, isso quebrou a sequência do que vinha sendo desenvolvido e mesmo com a retomada das aulas, as urgências pedagógicas foram para finalizar o ano letivo.

As nossas pesquisas são vivas, elas estão no mundo e são afetadas pelo o que está acontecendo nele. Estamos vivenciando uma crise climática que tem prejudicado a vida de muitas pessoas. Rio do Sul é uma das cidades de Santa Catarina que vem sofrendo com as enchentes recorrentes e infelizmente as projeções não são as melhores:

Mesmo sob o mais agressivo regime de redução de emissões globais, o aquecimento adicional do planeta resultante apenas do carbono que já despejamos na atmosfera aumentaria a precipitação de chuvas em tal escala que a quantidade de afetados pelas cheias fluviais na América do Sul dobraria, segundo um artigo, de 6 milhões para 12 milhões. (WELLS, 2019, p.60)

A intempérie climática que perpassa esse trabalho e ocasiona a interrupção das atividades me coloca uma mudança de plano no contexto escolar. A expectativa era conduzir os alunos aos dois níveis do conhecimento (concreto e abstrato) e criar um instrumento avaliativo para verificar o entendimento do processo dialético experimentado, na realidade vamos avaliar e discutir o que foi possível resgatar desse processo.

3.1.6 Avaliar os percursos: um simulacro da Linha Dividida

A BNCC (Base Nacional Comum Curricular) prevê para a área das Ciências Humanas no Ensino Médio seis competências específicas, salienta-se que a prática proposta leva em conta o que é estabelecido no documento, ou seja, compreende-se a importância de propor leituras e atividades filosóficas respeitando o proposto:

Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica. (BRASIL, 2018, p.570).

Para analisar questões “políticas”, “econômicas”, “sociais”, “ambientais” e “culturais”, expressa na primeira competência para a área de ciências humanas, evidencia-se o compreender a si mesmo e o mundo em que se vive, como necessário ao fazer uso de “procedimentos epistemológicos”, “científicos” e “tecnológicos”, próprios da disciplina de Filosofia no Ensino Médio. Esses procedimentos convergem para a “tomada de decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica”, logo, isto permite o posicionamento crítico perante a sociedade. Nesse sentido, não apenas a escolha do tema em Platão é pertinente como a prática e os procedimentos metodológicos utilizados refletem o processo do conhecimento em Platão.

Esta proposta didática é, em sua essência, uma prática dialética, por isso, o diálogo e a discussão estão no centro das atividades desenvolvidas, isto possibilitou aos alunos a participarem ativamente do seu processo de aprendizagem. No andamento das atividades e a partir de suas inteligibilidades buscamos auxiliá-los na arte do bem pensar, isto é, a perguntar, a desenvolver mais as respostas dadas, a buscar argumentos que as sustentem, e também a revisá-las. Nesse sentido, propõe-se uma avaliação qualitativa e contínua (participação nas discussões) e avaliação quantitativa (atividades escritas) mediante os critérios de interesse, interpretação, argumentação e cooperação, na expressão escrita e falada.

De modo geral a participação dos alunos nas discussões foi significativa. Na socialização da atividade diagnóstica, a maioria apenas leu suas respostas, mas alguns esboçaram explicações, do jeito deles. Uma das atividades em que mais interagiram foi, sem dúvida, a da sensibilização, principalmente por causa das imagens que causam confusão, pois, mesmo se tratando de uma experiência simples, estavam diante de um problema: “o que é?” Todos se motivaram para dizer do que se tratavam as imagens e cooperaram entre si para

auxiliarem os colegas nas identificações, de modo semelhante, na parte da leitura dos exemplos no livro didático, também participaram.

A leitura do texto “Opinião e conhecimento” realizou-se linha a linha, ou seja, pausadamente, com a formulação de perguntas sobre o que acabara de ser lido, afim de interpretar o texto. Assim como a condução para que encontrassem mais palavras-chave relacionadas a “opinião” e “conhecimento” no texto, para ampliar o exercício diagnóstico. Observou-se que os alunos participaram ativamente de todo o processo. Na parte do passo a passo para desenhar a Linha Dividida, os alunos ficaram “livres” para a elaboração, pois era necessário saber se pelo texto estes conseguiam desenhar a Linha Dividida. Observaram-se algumas dificuldades, mas, o fato de estarem juntos discutindo fez toda diferença no desenho. Discutir em grupo sobre a importância do conhecimento matemático na visão do filósofo, também foi interessante e, entre eles, se expressaram mais, principalmente ao explorar outras áreas da escola.

Na atividade escrita diagnóstica, dentro das suas possibilidades, os alunos já demonstraram alguma noção sobre a diferença entre “opinião” e “conhecimento”, mesmo que confusa. Alguns copiaram ou parafrasearam as respostas dos colegas. A seguir destaca-se a transcrição das respostas exatamente como os alunos escreveram:

TABELA 1 - RESPOSTAS DOS ALUNOS SOBRE A DIFERENÇA ENTRE CONHECIMENTO E OPINIÃO

Respostas dos alunos		
Aluno (a)	Opinião	Conhecimento
1	“Julgamento pessoal” “Maneira de pensar” “Direito de falar”	“Algo que sabe” “Com base no que acredita”
2	“Se manifestar” “Opinião é aquilo que se acredita” “Direito de falar e se expressar”	“Que acredita ou oq sabe” “O saber de algum” “Com base no que sabe ou entende”
3	“Meu ponto de vista” “Pesamento em relação a algo” “Um julgamento pessoal”	“Capacidade de entender” “Aprender a compreender as coisas” “Capacidade de aprender algo”

4	<p>“Maneira de pensar, ver ou julgar”</p> <p>“Julgamento pessoal”</p> <p>“Ponto de vista”</p>	<p>“Perceber pela experiência”</p>
5	<p>“Pessoal”</p> <p>“Não há certo e errado”</p>	<p>“Saber”</p> <p>“Pesquisas que comprovam”</p>
6	<p>“Senso comum”</p> <p>“Partilhar seu pensamento”</p> <p>“Não há certo ou errado”</p>	<p>“O ato de saber”</p> <p>“Pesquisas que comprovam”</p>
7	<p>“Seria uma ideia ou assunto que uma pessoa debate com o outro”</p> <p>“É uma opinião que cada pessoa tem dentro de si”</p> <p>“Senso comum”</p>	<p>“O ato de obter o saber sobre algo”</p> <p>“Seria algo que você obtenha a sabedoria”</p>
8	<p>“Seria uma ideia ou assunto que uma pessoa debate com a outra”</p>	<p>“O ato de obter o saber de algo”</p>
9	<p>“Aquilo que acredita”</p> <p>“Direito de falar”</p> <p>“Senso comum”</p>	<p>“Com base no que sabe”</p> <p>“Onde se aprende algumas coisas”</p> <p>“O saber das coisas”</p>
10	<p>“Opinião é pessoal”</p>	<p>“Saber”, “estudo”, “pesquisas e comprovações”</p>
11	<p>“Opinião é uma resposta formulada”</p> <p>“Seria uma ideia própria sobre tal assunto”</p>	<p>“É aquilo que você aprende durante a vida”</p> <p>“Pode dizer que é tudo que a gente aprende”</p> <p>“É um ensinamento”</p>
12	<p>“Falar sobre alguma coisa”</p>	<p>“Aprendizado durante anos”</p>
13	<p>“Ideia própria”</p> <p>“Conclusão tirada de experiências/pensamentos próprios”</p>	<p>“Informação tirada de estudos”</p> <p>“Aprendizado”</p>
14	<p>“Não se baseia apenas em fatos”</p> <p>“Não é preciso”</p> <p>“Cada um tem a sua”</p>	<p>“Se baseia em fatos”</p> <p>“Mais preciso”</p> <p>“É universal”</p>

Após a leitura atenciosa do texto “Opinião e conhecimento”, os alunos desenharam a Linha Dividida, vejamos como se saíram:

FIGURA 10 – DESENHO DA LINHA DIVIDIDA ALUNO 1

VISÍVEL		INTELIGÍVEL	
imagens sombras, reflexos	modelos seres vivos plantas, produtos	ciências matemáticas Hipótese / conclusão	Dialética ideias / ideias

FONTE: Aluno(a) 1 (2023)

FIGURA 2 - DESENHO DA LINHA DIVIDIDA ALUNO 2

visível		INTELIGÍVEL	
imagens • Sombras • Reflexos	modelos • seres vivos • plantas • produtos	Ciências matemáticas • Hipótese / conclusão	Dialética • ideias / • ideias

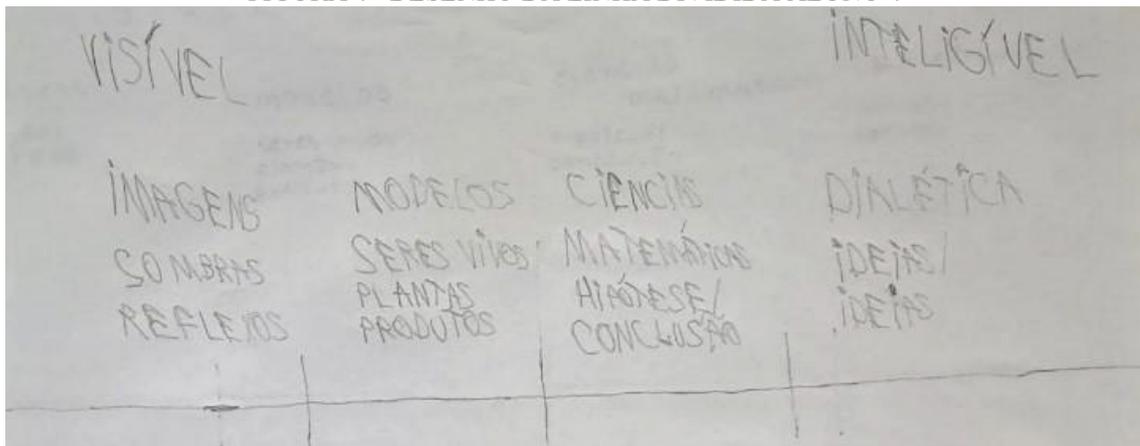
FONTE: Aluno(a) 2 (2023)

FIGURA 3 - DESENHO DA LINHA DIVIDIDA ALUNO 3

Visível		INTELIGÍVEL	
Imagens Sombras Reflexos	Modelos seres vivos Plantas Produtos	Ciências Matemáticas Hipótese/ conclusão	Dialética Ideias/ Ideias

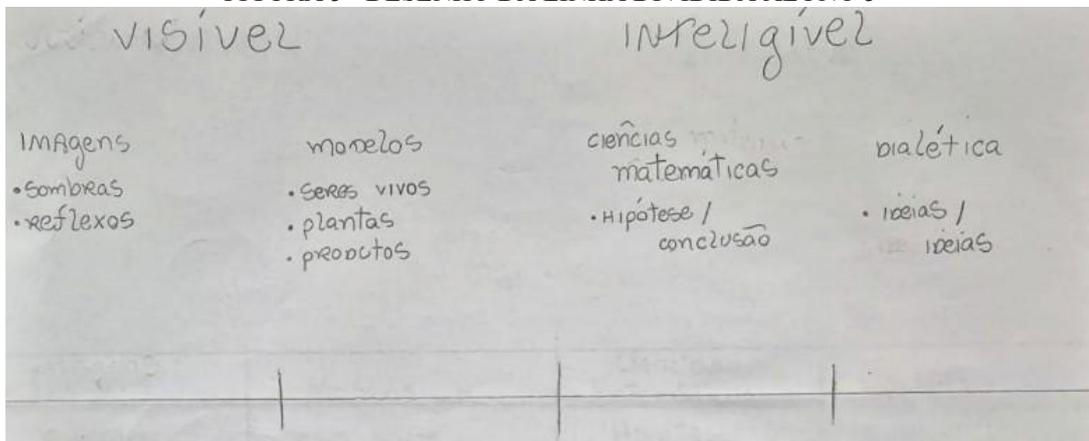
FONTE: Aluno(a) 3 (2023)

FIGURA 4 - DESENHO DA LINHA DIVIDIDA ALUNO 4



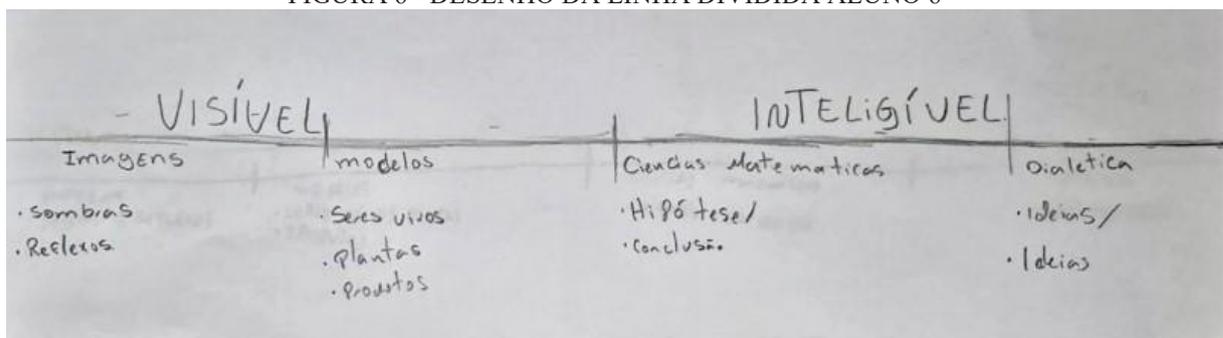
FONTE: Aluno(a) 4 (2023)

FIGURA 5 - DESENHO DA LINHA DIVIDIDA ALUNO 5



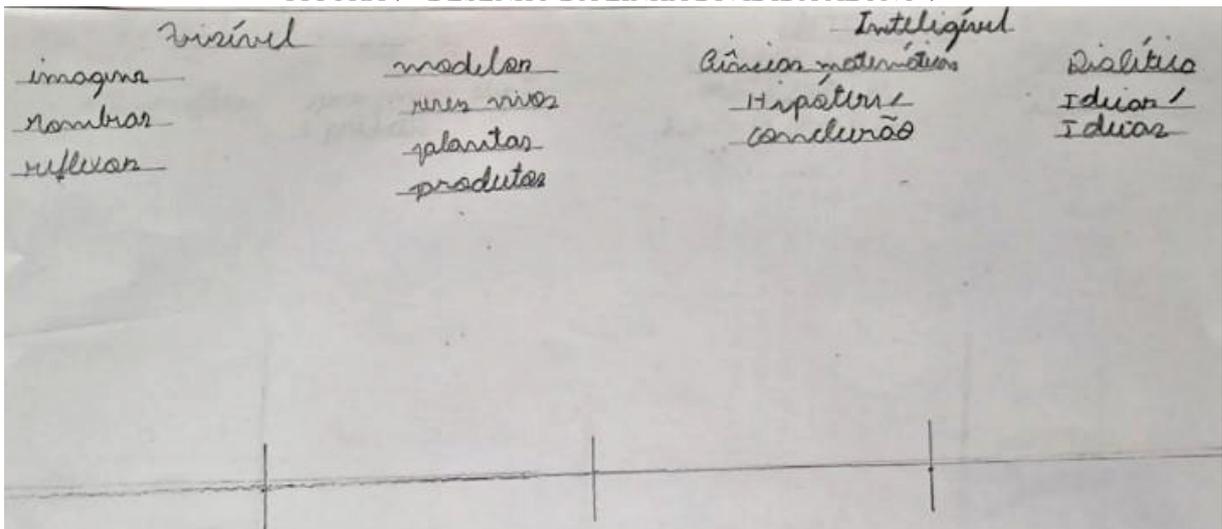
FONTE: Aluno(a) 5 (2024)

FIGURA 6 - DESENHO DA LINHA DIVIDIDA ALUNO 6



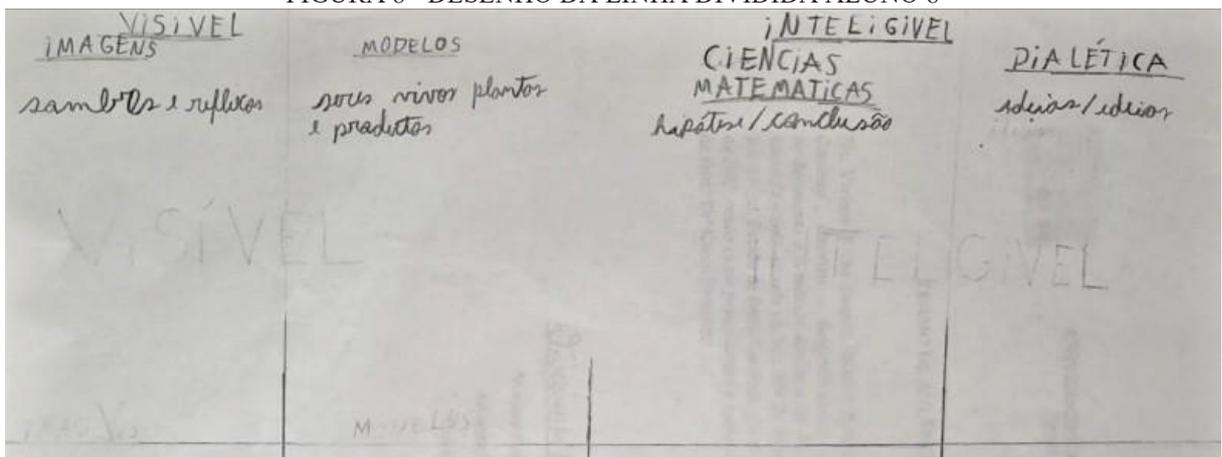
FONTE: Aluno(a) 6 (2023)

FIGURA 7 - DESENHO DA LINHA DIVIDIDA ALUNO 7



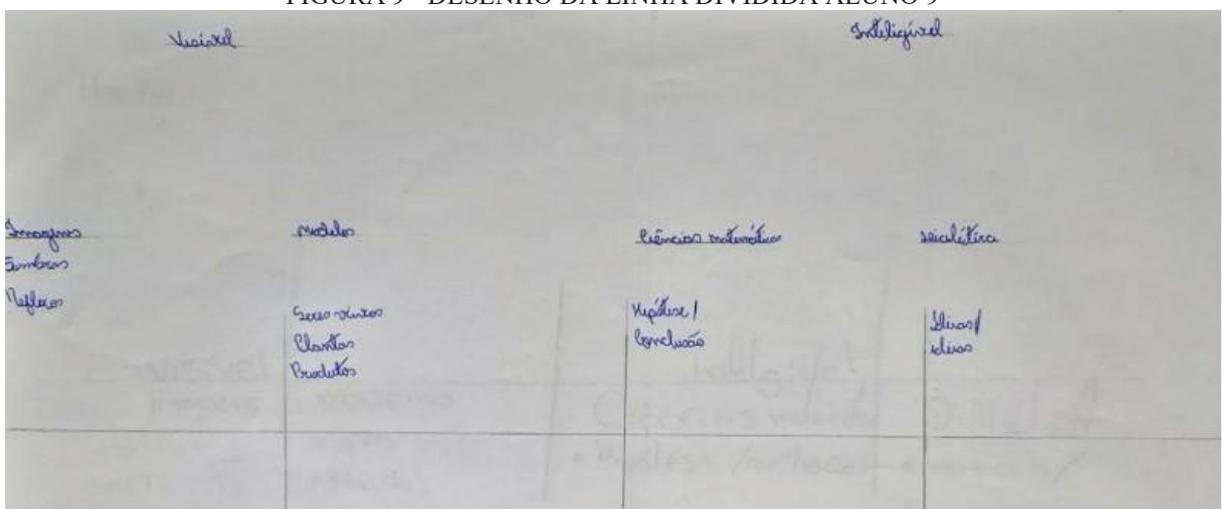
FONTE: Aluno(a) 7 (2023)

FIGURA 8 - DESENHO DA LINHA DIVIDIDA ALUNO 8



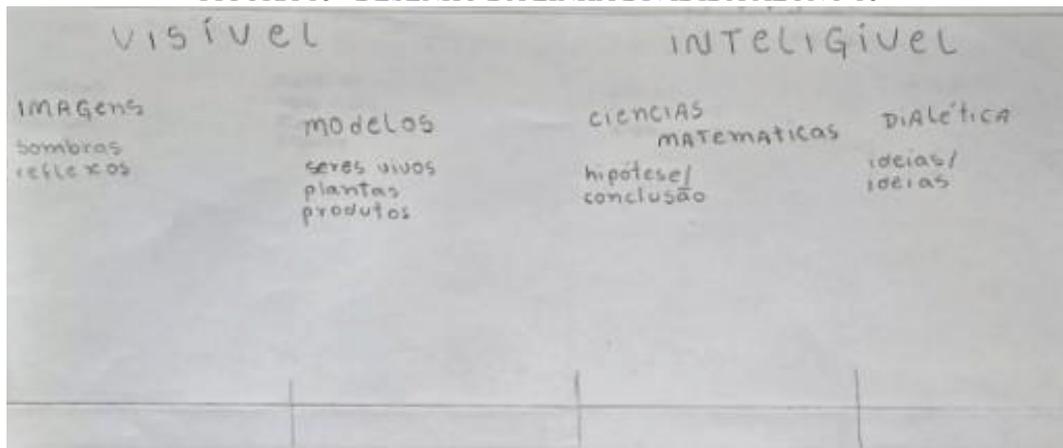
FONTE: Aluno(a) 8 (2023)

FIGURA 9 - DESENHO DA LINHA DIVIDIDA ALUNO 9



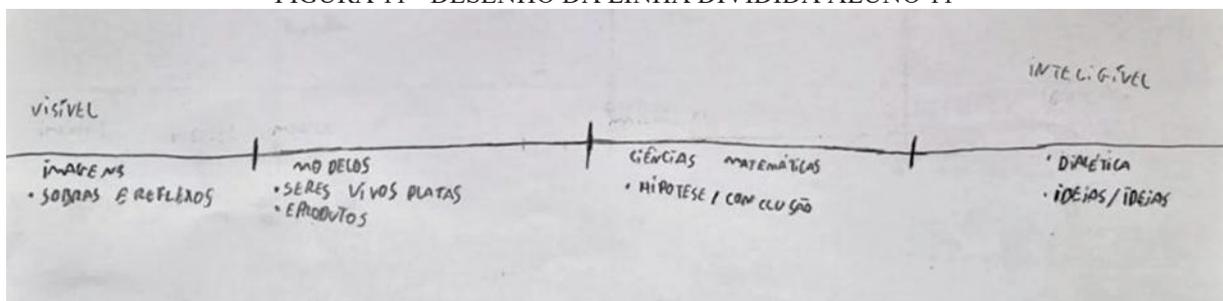
FONTE: Aluno(a) 9 (2023)

FIGURA 10 - DESENHO DA LINHA DIVIDIDA ALUNO 10



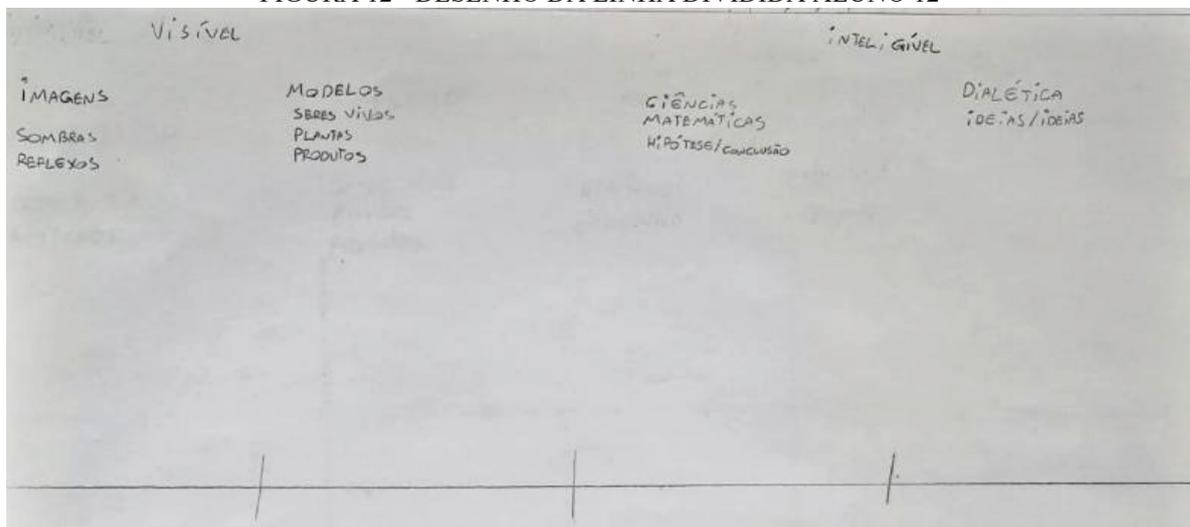
FONTE: Aluno(a) 10 (2023)

FIGURA 11 - DESENHO DA LINHA DIVIDIDA ALUNO 11



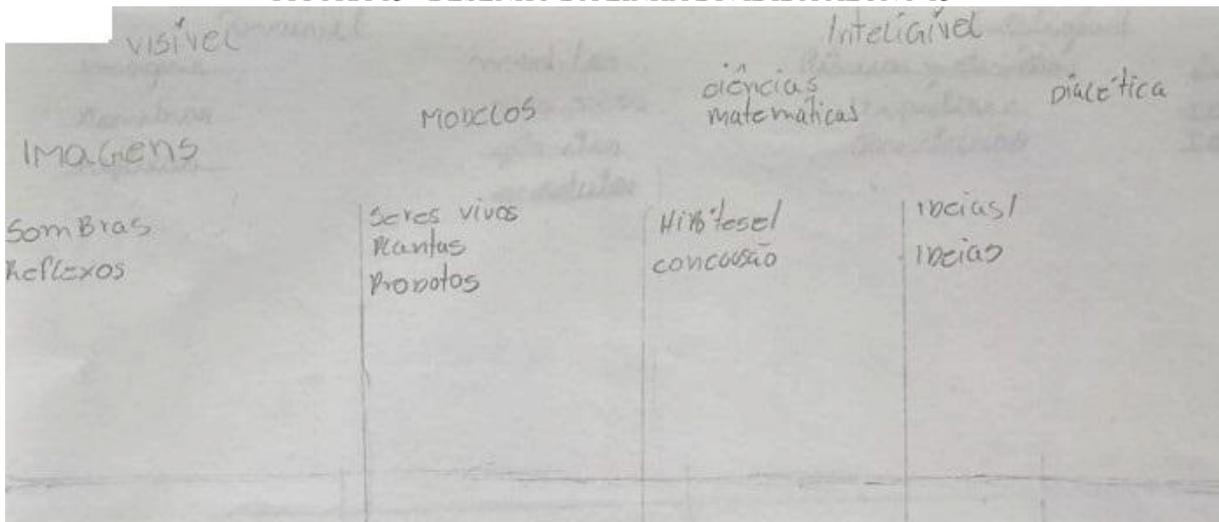
FONTE: Aluno(a) 11 (2023)

FIGURA 12 - DESENHO DA LINHA DIVIDIDA ALUNO 12



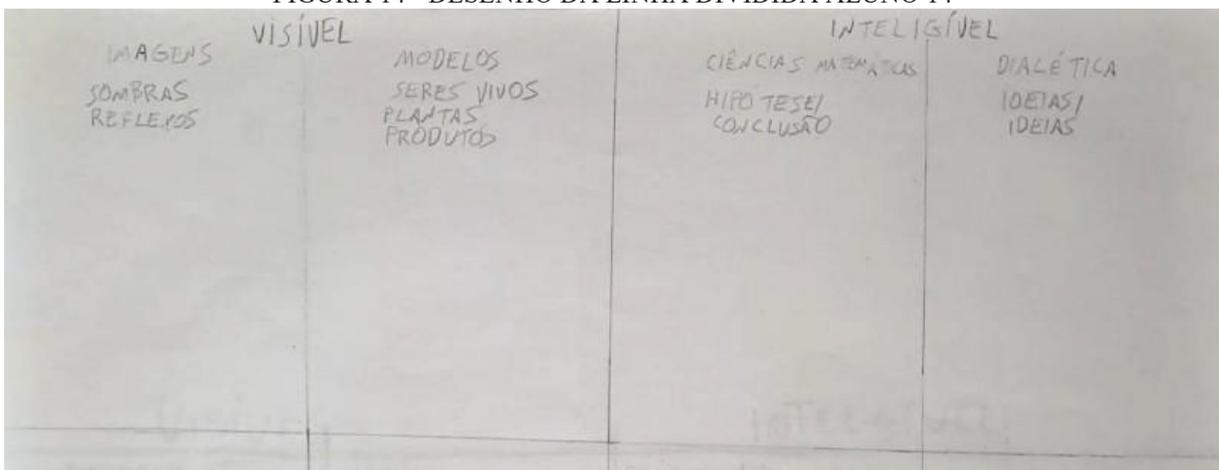
FONTE: Aluno(a) 12 (2023)

FIGURA 13 - DESENHO DA LINHA DIVIDIDA ALUNO 13



FONTE: Aluno(a) 13 (2023)

FIGURA 14 - DESENHO DA LINHA DIVIDIDA ALUNO 14



FONTE: Aluno(a) 14 (2023)

Percebe-se que, de modo geral, todos os alunos conseguiram desenhar a Linha Dividida a partir do passo a passo descrito no texto “Opinião e conhecimento”. Obviamente os desenhos variaram na sua organização, alguns centralizaram melhor os títulos “visível” e “inteligível”, dando a entender que a cada título fazem parte duas seções, já outros não chegaram a essa compreensão, mas as informações estão inseridas em sua ordem. Isso demonstra o efeito positivo da nossa proposta de tradução em linguagem acessível aos níveis de inteligibilidade dos alunos do Ensino Médio.

Das discussões em grupo sobre o pensar matemático obtivemos as seguintes produções textuais:

FIGURA 24- PRODUÇÃO TEXTUAL SOBRE O PENSAR MATEMÁTICO GRUPO (A)

10/11/23

A matemática na nossa vida

usamos a matemática todos os dias para diferentes tipos de necessidades, como por exemplo quando botamos nosso celular para despertar, quando usamos o relógio para sabermos as horas, quando vamos ao supermercado, usamos a matemática para contar o nosso dinheiro, para esquentar a comida no micro ondas ou forno, para saber quantos minutos vai demorar para chegar a algum lugar ou a hora de ir para escola, usamos código para fazer qualquer ação no celular, usamos também o calendário para contar os dias da semana e de o mês, esses podem ser alguns dos exemplos utilizados a matemática no nosso dia a dia, e muito importante já que precisamos de ela para tudo.

FONTE: Alunos (2023)

FIGURA 25- PRODUÇÃO TEXTUAL SOBRE O PENSAR MATEMÁTICO GRUPO (B)

A importância do conhecimento matemático nas nossas vidas.

O conhecimento matemático nos gera valor e influência na formação da inteligência lógica, perspectiva e dedutiva, assim, estando presente no nosso dia a dia, ao calcular o preço das compras ou ao solucionar algum problema. Ou seja, quando usamos a racionalidade, usamos a inteligência matemática.

FONTE: Alunos (2023)

FIGURA 26- PRODUÇÃO TEXTUAL SOBRE O PENSAR MATEMÁTICO GRUPO (C)

10/11/2023

Vinicius, Ronald e Enrique de série 3.

É comum utilizarmos o conhecimento matemático no dia a dia, para realizar diversas atividades como alugar o imóvel, qual a temperatura do local, quanto tempo deixar a comida no fogo, quanto tempo usar para descongelar algo no micro-ondas, o tempo estimado para chegar a um lugar, qual a distância até a escola ou trabalho, quantos aulas tem no dia, qual a sequência das aulas e quais as matérias, qual a duração da aula e tudo relacionado aos números. Resumidamente, é usado para quase tudo.

FONTE: Alunos (2023)

FIGURA 27- PRODUÇÃO TEXTUAL SOBRE O PENSAR MATEMÁTICO GRUPO (D)

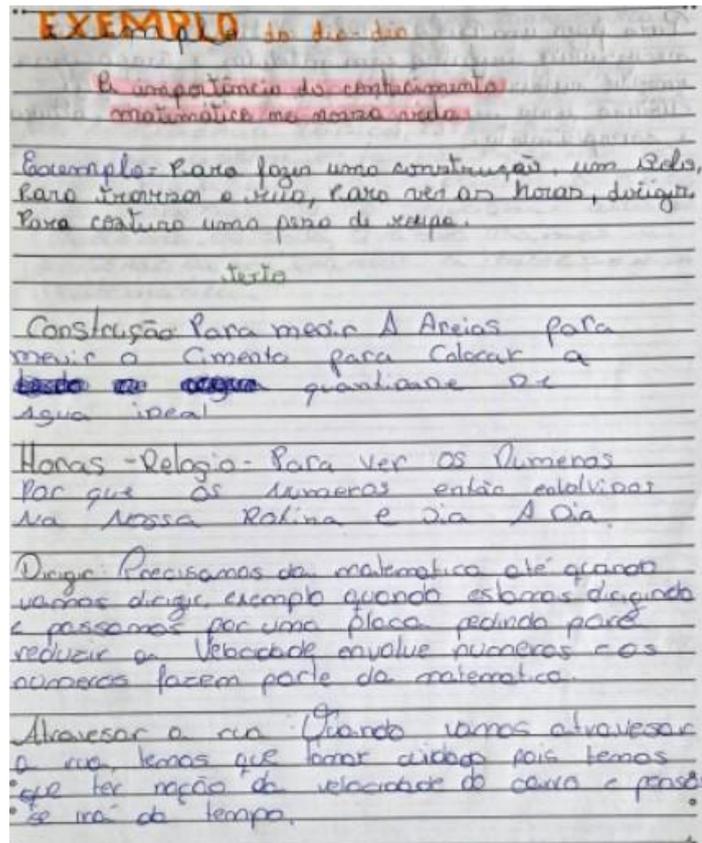
trabalho

1) Em grupo discutis sobre "a importância do conhecimento matemático na nossa vida" Citar exemplos do dia a dia em que usamos esse saber.

o conhecimento matemático é algo cotidiano e de suma importância para diversas áreas do nosso dia a dia. Um exemplo seria os horários, que desde o momento em que acordamos até o fim do dia precisamos verificar as horas para realizar corretamente os compromissos ao longo do dia. Temos também a questão do dinheiro, onde é muito necessário para tudo que fizermos, onde assim devemos utilizar esse conhecimento para a contagem e organização de dinheiro. Outro exemplo seria as profissões, que para alcançar aquela dos nossos sonhos, devemos estudar e obter conhecimento, pois todas as profissões utilizam alguma área da matemática para os mais diversos aspectos.

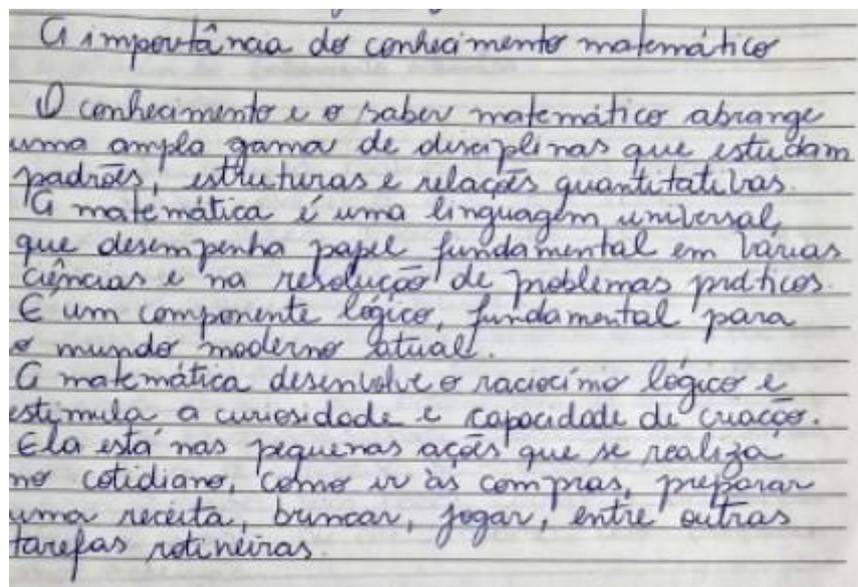
FONTE: Alunos (2023)

FIGURA 28- PRODUÇÃO TEXTUAL SOBRE O PENSAR MATEMÁTICO GRUPO (E)



FONTE: Alunos (2023)

FIGURA 29- PRODUÇÃO TEXTUAL SOBRE O PENSAR MATEMÁTICO GRUPO (F)



FONTE: Alunos (2023)

FIGURA 30- PRODUÇÃO TEXTUAL SOBRE O PENSAR MATEMÁTICO GRUPO (G)

A importância do conhecimento matemático em nossas vidas.

O conhecimento matemático em nossas vidas é fundamental, pois está em uso dia a dia, muitas vezes falamos que não gostamos, porém usamos para diversas coisas, muitas vezes em pequenas situações.

Como por exemplo para saber a hora, para saber quanto tempo falta para aula, para pequenas coisas no nosso dia a dia ou coisas mais elaboradas, para ocasiões específicas, como fazer e comprar de vendas, para saber quanto dinheiro tem para comprar algo e vai voltar e quanto ou até mesmo para preparar uma refeição.

FONTE: Alunos (2023)

As produções textuais demonstram que as discussões em grupo não foram além de descrever a importância do saber matemático nas atividades diárias. Pois eles entendem que definir algo é dizer as aplicações, isto é, os usos através de exemplos. Mesmo que não foi pedido para definir o saber das ciências matemáticas, mas sim começar com exemplos cotidianos e tentar avançar as investigações para algo além disso, os textos não demonstram uma fase mais reflexiva sobre esse saber, aliás alguns alunos expuseram que não gostam de Matemática.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar Platão é sempre um misto de prazer e dor. É principalmente através dos seus diálogos que tomamos conhecimento sobre os problemas que investigava e com certeza aprendemos a pensar filosoficamente quando estudamos os seus textos, pois, geralmente o diálogo tem o poder de nos envolver no processo de elucidação das questões. Justamente por se tratar de diálogos também podemos nos perder, porque os assuntos vêm e vão, por isso, é preciso não perder de vista o que está sendo investigado, mas, ao mesmo tempo, contemplar a o desfile de temas que vão sendo trabalhados ao longo dos diálogos. *A República* é um exemplo disso, começa-se com uma questão, *que é justiça?* e Platão nos oferece um verdadeiro banquete ao pensar também em outros temas, como o processo do conhecimento. Assim foram os estudos de fundamentação dessa dissertação.

De modo similar, no desenvolvimento das práticas em sala de aula, também buscamos conduzir os alunos ao pensamento filosófico a partir da discussão sobre o processo do conhecimento ilustrado na Linha Dividida. Pois, ao pensar e aplicar uma proposta didática sobre Filosofia para os alunos do Ensino Médio, diz respeito não apenas a um conteúdo a ser trabalhado em sala de aula, mas de dar condições para que esses alunos reforcem suas habilidades cognitivas para entender o mundo a sua volta e agir nele. Pois, de acordo com Paulo Freire (2000, p.84), a “educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo.”

Por isso, traduzimos o texto de Platão em linguagem acessível aos alunos do Ensino Médio, para oferecer-lhes condições de aprender e torná-los mais próximos da Filosofia. Pois, de acordo com Franklin (2016, p.23), “enxergamos o filosofar também como um modo de vida, assim como Sócrates”, e que “o filósofo não está afastado da realidade, tratando de temas alheios ao cotidiano, pois ele, ao admirar-se com o mundo, segue na busca por significados desse mesmo mundo.” A filosofia tem muito a contribuir especialmente para os jovens da escola pública. Para que os alunos compreendam que o conhecimento acontece mediante um processo ascendente, e que este é o oposto dos julgamentos precipitados dos quais estão acostumados.

A escolha da metodologia platônica através da prática dialógica também fez toda a diferença, pois pudemos fazer com os alunos semelhante ao que Sócrates fazia com os seus interlocutores, partindo do não saber para o saber, ensinando além de um conteúdo, a como viver em sociedade.

5. REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bossi; revisão da tradução e tradução dos novos textos Ivone Castilho Benedetti. 5.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando: introdução à filosofia*. 6. ed. São Paulo: Moderna, 2016.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*, 2018.
- CERLETTI, Alejandro. *O ensino de filosofia como problema filosófico*. Tradução de Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- CHAUÍ, Marilena. *Iniciação à filosofia*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2016.
- FRANKLIN, Karen. *Filosofia no ensino fundamental*. Curitiba: InterSaberes, 2016.
- FRANKLIN, Karen. Os conceitos de dóxa e episteme como determinação ética em Platão, 2004, 219 p. *Tese de Doutorado em Educação* – Universidade Federal do Paraná, Curitiba.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método*. Tradução de Flávio Paulo Meurer. Petrópolis: Vozes, 1997.
- GOLDSCHMIDT, Victor. *Os diálogos de Platão: estrutura e método dialético*. Tradução de Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 2002.
- PAVIANI, Jayme. *Filosofia e método em Platão*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- PAVIANI, Jayme. *Identificação dos processos dialéticos em Platão*. Veritas, n. 4, v. 43, Porto Alegre, 1998.
- PAVIANI, Jayme. *Platão e a República*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- PLATÃO. *A República*. Introdução, tradução e notas de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1980.
- PLATÃO. *Ménon*. Texto estabelecido e anotado por John Burnet. Tradução de Maura Iglésias. Rio de Janeiro: PUC-Rio/Loyola, 2001.
- PLATÃO. *Teeteto*. Tradução Carlos Alberto Nunes. 3.ed. Belém: EDUFPA, 2001.
- RODRIGO, Lídia Maria. *Filosofia em Sala de Aula: Teoria e Prática para o Ensino Médio*. Campinas: Autores Associados, 2009.
- SANTA CATARINA, Secretaria de Estado da Educação. *Currículo base do ensino médio do território catarinense: caderno 2 – formação geral básica* – Florianópolis: Gráfica Coan, 2021.

SANTOS, José Gabriel Trindade. *Platão: a construção do conhecimento*. São Paulo: Paulus, 2012.

WELLS, David-Wallace. *A terra inabitável: Uma história do futuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

6. ANEXO 1- TERMO DE ANUÊNCIA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
PARANÁ

TERMO DE ANUÊNCIA INSTITUCIONAL

Eu, Viviane Knih Brandt, Gestora Escolar da “Escola de Educação Básica Paulo Cordeiro”, autorizo o desenvolvimento da pesquisa intitulada: *O processo do conhecimento e o método dialético em Platão – uma experiência com a imagem da Linha Dividida*, situada na Rua XV de Novembro, nº 1441, Laranjeiras, município de Rio do Sul, Estado de Santa Catarina, que será realizada no período outubro - novembro de 2023, tendo como pesquisadora a professora Jamily Alves da Silva, sob a orientação da Prof.ª Drª Karen Franklin.

Rio do Sul, 02 de outubro de 2023

Viviane Knih Brandt

Gestora Escolar

Assinatura

Viviane Knih Brandt
Diretora de Escola
Portaria 89/SED
D.O. 21181 de 15/01/2020
Matricula 300092-3-03

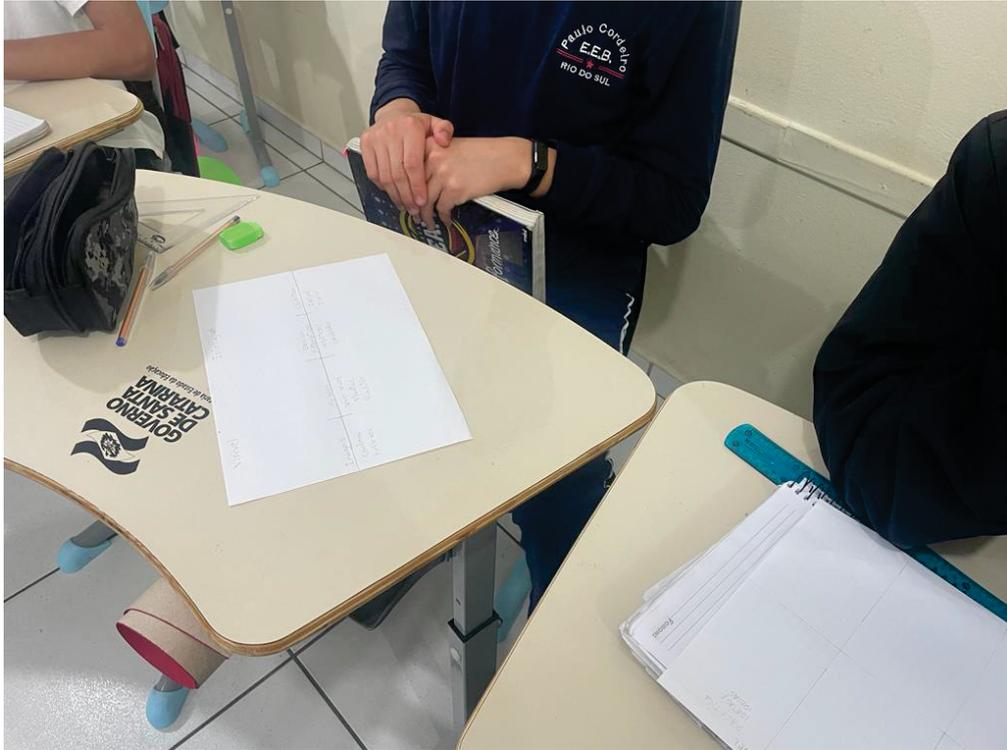
7. ANEXO 2 - ATIVIDADES SENDO REALIZADAS



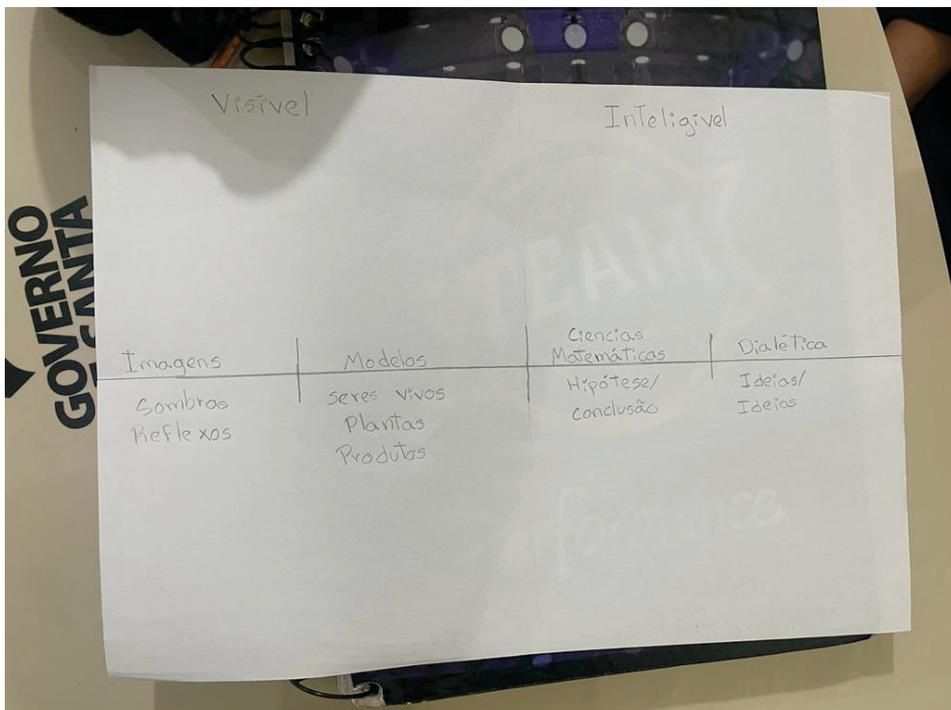
FONTE: acervo particular da pesquisadora (2023)



FONTE: acervo particular da pesquisadora (2023)

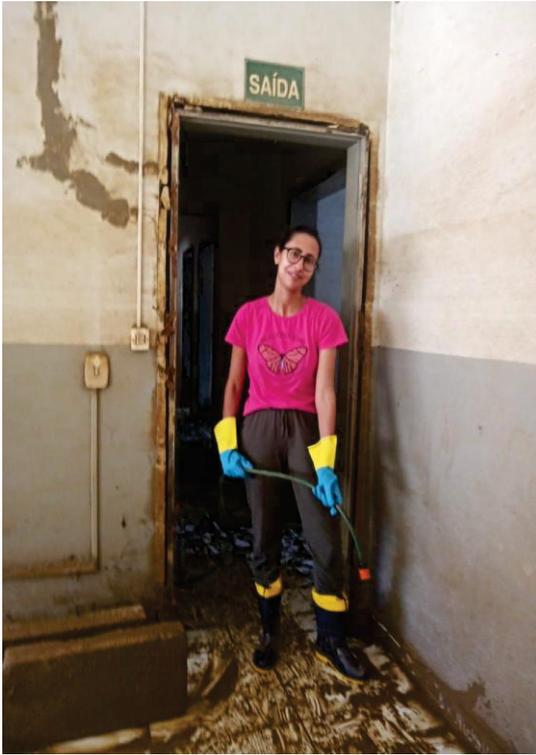


FONTE: acervo particular da pesquisadora (2023)



FONTE: acervo particular da pesquisadora (2023)

8. ANEXO 3 - MUTIRÃO DE LIMPEZA NA ESCOLA PÓS-ENCHENTE



FONTE: acervo particular da pesquisadora (2023)